



REVISTA DO ENSINO

ORGAM OFFICIAL DA
INSPECTORIA GERAL DA INSTRUÇÃO

S U M M A R I O

A profissão de professor. — O ensino das linguas estrangeiras, *Maria da Gloria Alves*. — A utilização dos alimentos (Capitulo do livro "Science of plants life", de *Edgard Nelson Transeau*).

— Homenagens do professorado mineiro aos drs. Francisco Campos e Mario Casasanta. — Em fila ou sem fila? — Recapitulações e revisões.

— Os nossos concursos,

DAQUI E DALI

LIVRARIA ALVES

O Mundo na mão, pequena encyclopedia de conhecimentos uteis, 1 vol. com 800 pags. enc. 15\$000.

Candido de Figueiredo — Pequenos Dicionarios da Lingua portugueza, 1 vol. com 1.466 pags. enc. 15\$000.

Jayme de Seguer — Diccionario encyclopedico pratico e illustrado da lingua portugueza, 6.000 gravuras, 110 quadros e 90 mappas, 1 vol. com 1.780 pags. enc. 25\$000.

J. Soares — Atlas historico — geographico universal, o mais completo e moderno existente em portuguez, 1 vol. com 104 mappas primorosamente impressos e coloridos, enc. 25\$000.

PEDIDOS A

Livraria Francisco Alves
Paulo de Azevedo & Cia.

BAHIA 1.052

BELLO HORIZONTE

REVISTA DO ENSINO

ORGAM OFFICIAL DA
INSPECTORIA GERAL DA INSTRUÇÃO



A PROFISSÃO DE PROFESSOR

Não ha, infelizmente, entre nós a profissão de professor. Quando se tem necessidade de um professor, quer primario, quer secundario, quer superior, basta estender a mão e tomar a primeira pessoa medianamente ou minimamente letrada e essa servirá de professor.

Para o ensino primario, que desgraçadamente se considera como de ordem inferior e subalterno, é que se exige, para o gozo de certas regalias da lei, o diploma de normalista. Mas para o ensino secundario, cada se exige e é mesmo raro ver confiada uma cadeira desse ensino a normalistas. Quanto ao superior, exige-se o diploma de cada academia em cujo magisterio pretende o candidato ingressar.

Não temos, por conseguinte, uma profissão e tanto menos uma carreira de professor, e nem mesmo no ensino primario, porque, ao lado do normalista, pode concorrer qualquer individuo de poucas ou muitas letras.

Porque?

E porque em todas as carreiras, como por exemplo a do medico e a do jurista, se pedem estudos especiaes, certificados especiaes, curso regular e não se exige para a tarefa de professor?

Simplesmente porque o professorado não soube ainda, pelo estudo das matérias que constituem o fundamento de todo o verdadeiro magisterio, fazer com que a sua profissão se tornasse numa verdadeira especialidade, de modo que nella naufragassem todos aquelles que a emprehendessem, sem preparação larga e demorada.

Da maneira como actualmente está constituída, a tarefa de professor, entre nós, pode ser igualmente exercida por um normalista como por um pharmaceutico, por um padre como por um jornalista. E exercem, com o mesmo brilho e, talvez, com o mesmo resultado...

E' que não ha na generalidade de nosso mestres, na quasi totalidade de nossos mestres, uma preocupação pedagogica, isto é, a preocupação de cada dia empregar novos processos de ensino, de melhoral-os cada vez mais, acompanhando, quanto possivel, os avanços da sciencia e adaptando-se cada vez mais ás necessidades e condições de nossas escolas.

Ao passo que os nossos medicos vivem ás voltas com os seus livros de revistas especiaes, os juristas com os seus tratados e publicações, os sacerdotes, os commerciantes, os engenheiros, até as 'donas de casa leem a "Vida domestica", todos os ramos de trabalho, emfim, o nosso pro essorado cuida de todas as materias e de todos os assumptos, busca por vezes instruir-se e elevar-se, mas sempre num sentido geral, e nunca no sentido de sua profissão. E' rara, entre nós, uma discussão sobre thema puramente pedagogico e mais raro ainda um professor que tenha exclusivamente a preocupação de seu officio. Quando muito, sendo cumpridor de seus deveres, trata de levar bem a sua classe ensinando como aprendeu, aperfeiçoando-se de ouvir e de vêr os outros, sem recorrer ás lições e ás experiencias dos mestres da pedagogia.

Faz-se mister uma renovação radical de attitudo e que o professorado procure estudar as materias basicas da sua profissão, elevando-a e modificando-a de tal maneira

e a tal ponto, que logo se veja a differença que vae entre o pratico obtuso e sem rumo— e o verdadeiro professor, forrado de bons estudos, seguro nos seus processos e ambicioso de perfeição, tendo um fim determinado a atingir e caminhando para elle, sem vacillação.

Só no dia em que tivermos professores de verdade, conhecedores dos principios fundamentaes de seu trabalho, é que haverá, entre nós, o direito de pugnar por uma situação melhor do professorado e de protestar contra possiveis preterições e esbulhos. Nesse dia, não haverá protestos nem lamurias, porque a sociedade saberá vêr o que representam taes professores, nos destinos de nossa terra, tão claros e abundantes serão os fructos produzidos...



O ENSINO DAS LINGUAS ESTRANGEIRAS

(Conferencia pronunciada na Escola Normal official de Juiz de Fora)

Senhores, abalanchando-me a dizer-vos o que penso sobre o ensino das linguas estrangeiras, não vou movida por qualquer desejo de enfatuada exhibição; quero apenas obedecer ás determinações do nosso Director, que teve a bondade de indicar-me o assumpto e cujas idéas pedagogicas tambem de ha muito conheço e aprecio, por tel-as visto applicadas e desenvolvidas por elle proprio, durante os longos annos em que o vi lecionar no Grambery, dirigindo a Escola de Pharmacia e Odontologia e ensinando ao mesmo tempo, no Gymnasio, varias disciplinas e, entre estas, a lingua franceza.

Todos sabem como antigamente se ensinava, e como ainda hoje muitas vezes se ensina uma lingua estrangeira. No primeiro dia compravam-se varios livros: um jogo de dictionarios, uma volumosa grammatica e um livro de exercicios, contendo pequenas phrases soltas e descosidas, que o alumno devia ir passando da lingua estrangeira para a lingua materna e vice-versa.

E lá começava o pobresinho a soifrer, decorando, á força de repelões e até mesmo de pancadas, as regras, as excepções, as minucias, as subtilidades de uma lingua da qual ninguém lhe havia dado ainda a menor noticia, nem theorica e nem pratica! Naquelle tempo vivia-se na doce illusão de que a grammatica ensina a lingua, quando hoje já se considera como verdade banal a affirmação de que aquella fórmula deve ser invertida: a lingua ensina a grammatica, ou, por outras palavras, a grammatica é uma sciencia de observação, e o alumno não pode observar aquillo que para elle ainda não existe. Os antigos professores estavam imbuidos da idéa classica, contida na celebre definição de que a grammatica de uma lingua é "a arte que ensina a falar e escrever correctamente essa lingua". E por isso raciocinavam assim: aqui está um ignorante da lingua franceza, um individuo que não conhece a "arte de falar e escrever correctamente essa lingua",

isto é, que não lhe conhece a grammatica, logo é necessario ensinar-lha. E começavam pelo fim, ensinando ou julgando ensinar, por meio de continua e inexoravel decoraçào, como se conjugam naquella lingua todos os verbos regulares e irregulares, em todos os seus tempos, modos e pesos; como se formam o feminino, o plural, os comparativos, os superlativos dos nomes, como e porquese formaram os adverbios de modo, quando se usa o artigo, quando se empregam e quando se omittem as conjunções, como se collocam os pronomes, como concordam os collectivos, como são as regras de concordancia dos particípios, com todas as suas subtilidades e excepções. E assim muitas outras questiuunculas que podem servir, e de facto servem, para polir a lingua, porém não para ensinar a quem começa. Para os principiantes, são inúteis e até mesmo prejudiciaes esses conhecimentos, apresentados assim, nuamente e sem applicações. Falar sem grammatica?... direis! Sim, decerto; a principio apenas pela imitação e pelo exemplo. Para provar que isso é possível, basta lembrar que toda gente soube andar e mover-se muito antes de saber como funcionam os musculos que produzem o movimento, toda gente andou, moveu-se, equilibrou-se... sem ter a menor noticia das leis do equilibrio, sem saber que existem livros e fórmulas de mechanica. De modo analogo, toda gente soube falar e até mesmo escrever, muito antes de conhecer as leis, as regras que governam a linguagem "Seria uma grande desgraça", exclama a celebre educadora Mme. Montessori, "seria uma grande desgraça se a humanidade só pudesse falar depois de ter aprendido a grammatica!"

Não quero dizer, com isso, que seja essa disciplina cousa desnecessaria e desprezível; antes pelo contrario, é muito util e apreciavel, mas a grande questão é saber collocal-a no seu tempo e no seu logar.

Sei que alguns professores, exaggerando demasiadamente a reacção salutar que nestes ultimos tempos se tem feito contra os excessos da *grammatique*, cahiram no excesso opposito e condemnaram a propria grammatica

Não posso applaudir esse exaggero, e repito, a grammatica é absolutamente indispensavel; quando nada para polir a linguagem; a grande questão é saber collocal-a no seu tempo e no seu logar, isto é, na ultima parte dos cursos, para completar e esclarecer conhecimentos anteriormente adquiridos por simples pratica.

Mas, como havemos então de ensinar uma lingua estrangeira? Quasi que poderíamos formular a regra em que se

baseia o methodo de Berlitz: — aprender a lingua estrangeira como aprendemos a lingua materna. — Digo que tal regra é quasi accetavel, porque tenho uma restricção a fazer. De facto, no methodo alludido, o professor fala e escreve somente a lingua estrangeira, dispensando o auxilio da lingua materna. Mas eu creio, ao contrario, que esse auxilio precioso não se deve dispensar.

Não ignoro que tal dispensa é possível e efficaz, porque o gesto, a intonação, a presença do objecto a que o professor se refere, a necessidade e o interesse de comprehender e de ser comprehendido, supprem as explicações e traducções, supprem o costumado auxilio da lingua materna. Mas, se temos este auxilio, para que desprezal-o? Comprehende-se que a criança na sua primeira aprendizagem, não tendo, para adquirir a sua lingua materna, senão os recursos dessa mesma lingua, seja forçada, por não ter outro remedio, a aprendel-a só com os pobres recursos acima citados, isto é, com o gesto, a intonação, a presença do objecto a que o professor se refere e mostra, e principalmente com o interesse e a necessidade de comprehender e ser comprehendido.

O auxilio da lingua materna é, pois, necessario e precioso, porém é claro que o professor deve reduzi-lo ao minimo indispensavel. Os methodos e os processos actualmente em uso consistem em mandar que o alumno leia e traduza pequenas phrases esparsas e desligadas, sem o minimo interesse e sem a menor oportunidade, tendo ainda o cuidado de só empregar nessas phrases certos verbos em certos e determinados tempos.

E' claro que taes phrases, imaginadas a esmo, não têm o menor motivo para se fixarem na memoria dos alumnos. Se alguém quizesse nos ensinar a nossa lingua materna por meio de phrases assim isoladas, ausentes do objecto a que se referem, forçadas ao mesmo verbo, desinteressantes por saltarem continuamente de um assumpto a outro, phrases mortas no livro, phrases que o professor raramente pronuncia e apenas manda pronunciar e corrige... Se alguém quizesse nos ensinar assim a nossa propria lingua, creio que muito difficilmente conseguiriamos aprendel-a. Para evitar o inconveniente a que venho alludindo, para dar unidade ao assumpto, ou como actualmente se usa dizer, para estabelecer um centro de interesse, imaginaram-se os chamados quadros de linguagem, que concretizam o assumpto da lição, fazendo-a girar em torno de scenas reproduzidas pela gratura. Descrevendo, commentando e interpretando as scenas

representadas em taes quadros, os professores e alumnos acham fartas oportunidades para se exercitarem na aprendizagem da lingua estrangeira, ouvindo-a e falando-a. E podem fazel-o sem a menor preocupação grammatical, sem escolher verbo, sem preliminarmente decoral-os e sem indicar tempos, sem começar pelo verbo *avoir* como alguns professores usam e aconselham, sem chegar ao excesso, a que outros chegam, de fazer a analyse logica e grammatical da phrase lida!

Quando falamos a uma criança, não lhe dizemos: «para que em; regue o verbo tal, no tempo tal; é verbo irregular, da terceira conjugação, o infinito é assim, o preterito perfeito é tal, o futuro e condicional formaram-se do infinito com as terminações do verbo haver, antigamente este verbo se escrevia com dois ll, hoje escreve-se com um só... e outras extravagancias taes, que deixariam a creança boquiaberta e estarrecida.

Se assim procedessemos no ensino das linguas estrangeiras, complicariamos ainda mais o difficil problema dessa aprendizagem. A memoria do alumno já está sobrecarregada com a significação dos vocabulos e com o sentido da phrase e ainda, como que para augmentar a afflicção ao afflicto, lá vem o professor com duzentas regras e trezentas excepções.

Outro meio aconselhavel e complementar do processo que acabamos de indicar, é a decoração ou quasi decoração de pequenos contos interessantes, que o alumno deve ouvir ler repetidamente pelo professor e repetir por sua vez.

Como a repetição é a alma do ensino, convém ao professor escolha ou componha, elle proprio, trechos em que as mesmas palavras appareçam varias vezes.

Alguns professores americanos, no intuito de ministrar ao alumno o conhecimento da lingua viva e actual, costumam ler e mandar ler noticias de jornaes, annuncios de — aluga-se, — precisa-se — vende-se, — etc., idéa esta cuja utilidade é evidente.

Um dos defeitos a evitar, defeito infelizmente muito commum, é o de fazerem os professores todo o trabalho que compete ao alumno. Taes professores tudo dizem, tudo explicam, tudo informam, acreditando que seu officio é o de tudo facilitar aos alumnos. Mas os conhecimentos que se adquirem sem trabalho, não deixam traço, evaporam-se, desapparecem... são como os bens de sacristão, que cantan-

do vêm, cantando vão. E' preciso deixar o alumno lutar um pouco com as difficuldades. Convém amparal-o, porém, não convém carregal-o!

Aprendemos depressa, lendo e ouvindo ler pequenos contos expressivos e interessantes, a princípio *decifrando-os*, pensosamente, a "golpes de dicionario", depois, cada dia menos embaraçadamente, até chegarmos á traducção facil e corrente. Aos alumnos o professor só deve auxillar discretamente, convidando-os a decifrar o trecho escripto, animando com discreto applauso aos que se mostrarem mais interessados e mais habéis.

Só na ultima parte do curso deve apparecer a grammatica, porém, ainda mesmo desta vez, não será sob a forma indigesta da decoraçáo penosa e quasi esteril.

Quando o alumno houver chegado a traduzir sem grande esforço, só então, é que o professor fará com que elle observe e até, se fór possível, que deduza as leis ou regras grammaticaes, tirando-as da observação dos factos e dos exemplos que for encontrando nas suas leituras e traducções.

Para os alumnos que se destinam ao magisterio, seria talvez conveniente que a grammatica—compendio fosse o corôamento de toda a obra, completando, concludindo e methodizando os conhecimentos esparsamente adquiridos durante as primeiras phases do curso escolar.

No ensino e na aprendizagem de uma lingua estrangeira, convém ainda lembrar que temos tres educações a fazer, a do ouvido para conhecermos a palavra falada, a da vista para conhecermos a palavra escripta, e a dos órgãos vocaes para chegarmos a pronuncial-a com perfeição.

Muitos professores se esquecem da educaçáo do ouvido, de modo que os alumnos não sabem traduzir o que lêem, mas não entendem o que ouvem. Este caso é tão geral que habitualmente encontramos pessoas capazes de entender qualquer trecho em francês, se o virem escripto, mas deixariam de entender o mesmo trecho se, em vez de o lerem o ouvissem! Para educar o ouvido, é necessario que o professor incansavelmente fale aos alumnos a lingua a ensinar. Mas não creio que deva chegar ao exaggero em que muitos caem, quando procuram mostrar como se devem arranjar os labios e a lingua para obter certos effeitos e certos sons. Isto é, o professor não deve *dizer*, *explicar* ou *descrever* como se pronuncia, deve simplesmente *pronunciar*. A natu-

ral tendencia para a imitação fará o resto, no espirito dos alumnos.

Tambem não julgo conveniente fazer esforço em ensinar a pronuncia de palavras isoladas. Cada lingua tem a sua musica, a sua toada especial, que nos permite distingui-la das outras, ouvindo-a, ainda mesmo sem entendel-a. E' essa musica que é preciso ensinar e tal ensino só se faz pelo exemplo e pela pratica, pelo habito de ouvir as palavras em conexão formando phrases, cuja tonalidade o ouvido apanha e a garganta espontaneamente imita.

São estas as opiniões que mantenho, ensinadas pela minha pequena experiencia de alguns annos no magisterio. Não as tenho, comtudo, como indiscutíveis, desejaria, por isso, ouvir a respeito a opinião dos numerosos mestres aqui reunidos.

MARIA DA GLORIA ALVES

Professora de francês da Escola Normal de Juiz de Fora

A UTILIZAÇÃO DOS ALIMENTOS

(Capítulo do livro "Science of plants life")

Nos capítulos precedentes, vimos como o alimento é elaborado pela planta, como elle se torna solúvel e é transportado, e como o excesso do alimento se accumula em varios orgãos da planta.

O alimento é, finalmente, utilizado pelas células na *respiração*, na *assimilação* e no *crescimento*. Neste capítulo vamos aprender a significação desses tres termos e estudar as transformações que os alimentos soffrem em relação com a produção da energia, a elaboração do protoplasma e o crescimento das células.

A ENERGIA NECESSARIA ÀS CELLULAS DAS PLANTAS

Para realizar um trabalho, cada machina num estabelecimento de manufactura precisa ser abastecida de energia, e cada planta viva da planta requiere energia e auxilio no seu trabalho de renovação, de crescimento e de movimento. Nos estabelecimentos de manufactura a energia é ordinariamente gerada num lugar e, depois, transmitida por meio de tubos, de polias ou arames e motores a todas as partes da fabrica. A planta não pode transmittir energia de uma para outra parte, mas pode mandar e manda alimento para todas as suas células vivas, e desse alimento cada célula gera dentro de si mesma a energia de que precisa.

RESPIRAÇÃO

Uma machina a vapor é provida de energia pela *oxydación* do combustível debaixo da caldeira unida a ella.

Uma cellula é supprida de energia pe'a *oxydación* do alimento dentro della. *O processo pelo qual as células ob-*

têm energia mediante a oxydación dos alimentos é chamado respiração. Nesse processo, o *oxygenio* é absorvido, e o *dioxydo* de carbono é posto fóra.

A *respiração* se effectua em todas as células vivas da planta, e para realizar esse processo necessario todas as partes da planta precisam ser suppridas de *oxygenio*. As folhas e caules das plantas da terra obtêm o seu *oxygenio* da atmosphera, e as raizes, do ar que existe no solo.

Os solos humidos são pouco apropriados para o crescimento de muitas plantas, não por causa da agua que encerram, mas por causa da falta de uma provisão sufficiente de *oxygenio* para as suas raizes. A *drenagem* é uma valiosa pratica de agricultura: não só porque ella remove o excesso de agua, mas tambem porque atrai *oxygenio* para o solo. Quando o lavrador quebra a crosta de uma superficie, elle o faz para possibilitar a entrada de mais *oxygenio* nas raizes das suas plantações.

A planta e o processo de *respiração* podem ser comparados a um estabelecimento de manufactura e ao trabalho que neste se realiza.

Os reservatorios de energia são as células vivas da raiz, o caule e a folha. A machina é o protoplasma. O combustível são os alimentos, especialmente os *hydratos* de carbono. O processo é a combinação do alimento e do *oxygenio*.

O producto é a energia.

O gasto é o *dioxydo* de carbono e a agua.

As horas de trabalho são as 24, diarias.

CONTRASTE ENTRE A RESPIRAÇÃO E A PHOTOSYNTHESE

Na *photosynthese*, o *dioxydo* de carbono e a agua se combinam para formar as complexas moléculas de *hydratos* de carbono, e um grande numero de átomos de *oxygenio* permanecem livres nesse processo. Quando, na *respiração*, as moléculas complexas de *hydrato* de carbono se combinam de novo com o *oxygenio*, formam-se moléculas simples de *dioxydo* de carbono e de agua. Na *photosynthese*, a energia de luz solar é utilizada para elaborar os *hydratos* de carbono. A energia é armazenada nos *hydratos* de carbono, e este pode ser posto em liberdade com a volta dellas ás substancias simples de que foram formados. Quando fazemos saltar a corda de um relógio, pomos energia nas suas roscas apertadas.

Quando soltamos a mola, a energia se relaxa e faz girar as rodas do relógio. Da mesma forma, na photosynthese, a energia é armazenada nos hydratos de carbono, e esta energia é relaxada no processo da respiração e utilizada no processo da vida da célula.

NA PHOTOSYNTHESE

O oxygenio é posto em liberdade.

A energia é acumulada. Moleculas simples se formam dentro das moleculas complexas.

As plantas acumulam alimento e augmentam de peso.

NA RESPIRAÇÃO

O oxygenio é consumido. A energia é despendida.

Moleculas complexas se despedaçam dentro das moleculas simples.

As plantas consomem alimento e diminuem de peso.

MEDIAS COMPARATIVAS DE RESPIRAÇÃO

A media de respiração é maior onde ha maior rapido crescimento, como na germinação das sementes, no desabrochar das flores, no amadurecimento dos fructos. Em alguns destes, elle é muito mais rapido, face a face, do que nos animaes. Os coefficients mais baixos de respiração occorrem nas sementes e em outros organismos adormecidos; e ha comparativamente, menos respiração nos troncos ligneos e em outras partes duras em que ha poucas cellulas vivas.

A RESPIRAÇÃO E A REMESSA DOS FRUCTOS E DOS VEGETAES

A importancia do reconhecimento da necessidade respiratoria nas cellulas vivas pode ser illustrada pelas difficuldades encontradas no embarque dos fructos e dos bolbos (como a cebola.)

Os pecegos, durante o embarque, algumas vezes desenvolvem nodoas escuras nos pontos de contacto de uns com os outros.

Essas nodoas são attribuidas principalmente ao atropelo no transporte, mas agora se sabe que são produzidas pelo acondicionamento dos pecegos tão apertadamente que o ar

não pode beneficiar sufficientemente a todas essas fructas. A respiração das cellulas nos pontos de contacto é, por conseguinte, impedida, e as cellulas são suffocadas gradualmente e morrem.

Navios com porões especialmente ventilados são empregados para a importação de bulbos procedentes da Hollanda e de fructas dos tropicos. A construção de porões ventilados foi determinada pela morte de muitos homens que tentaram desembarcar um carregamento de bulbos de um fundo de navio sem ventilação.

ASSIMILAÇÃO

Outra parte de alimento elaborado pela planta é usada para a renovação e para a formação do protoplasma adicional. Uma machina, deixada ao abandono e ao desmazelo, gradualmente se inutiliza. A célula é um mechanismo delicadissimo, formado de substancias extremamente complexas, e o protoplasma da célula activa exige constante reparação. Os alimentos que mais se aproximam do protoplasma na composição chimica são as proteínas. Naturalmente são estas os alimentos que mais promptamente se transformam em protoplasma, e são as mais frequentemente utilizadas no processo da assimilação. *A assimilação pode ser definida como o processo mediante o qual o protoplasma vivo é renovado, ou como um novo protoplasma formado pelo uso dos alimentos.*

O CRESCIMENTO

O alargamento das plantas ou o desenvolvimento de novas estruturas é chamado crescimento

O facto relativo á vida das plantas, que é mais familiar a todas, é que, quando uma semente viva é plantada no sólo, ella germina, e que della se desenvolve uma sementeira que continua a alastrar-se por tempo mais longo ou mais curto, dependendo da planta ou das condições do crescimento. O periodo de crescimento pode ser de um mez, como no rabanete no verão, ou pode ser de centenas de annos, como em algumas arvores. No processo de crescimento grande quantidade de alimento é consumida.

Durante as primeiras phases do desenvolvimento da planta a maior parte do alimento que ella elabora é utilizada nesse intuito. Em relação ao crescimento, a planta precis-

formar novo protoplasma, desenvolver novas paredes cellulares, e engrossar e robustecer as paredes da cellula velha. Com effeito, uma parte consideravel da energia derivada da respiração é utilizada no crescimento. Podemos esperar que a assimilação e o consumo de alimentos sejam mais activos nas partes do crescimento novo e que este é o caso mais frequentemente observado pela experiencia. O crescimento se opera mediante do alargamento das cellulas já presentes na planta, mediante a divisão das cellulas e mediante a modificação das cellulas, sem alargamento,

A FORMAÇÃO DAS PAREDES DA CELLULA

A parede que cinge cada cellula da planta é composta largamente de uma substancia chamada *cellulose*, que é secretada pelo protoplasma vivo. Quando a cellula está crescendo, a sua parede é extremamente fina e se estende á medida que a cellula se divide: uma nova parede se forma entre as duas partes. A' medida que a cellula envelhece, novas camadas de cellulose e de substancias alliadas se lhe adicionam. Em alguns tecidos, como nas cascas de nózes, as paredes se tornam tão grossas que occupam maior parte do volume da cellula. Em outros tecidos, como na *mesophylla* das folhas, as paredes das cellulas permanecem, as mais das vezes, delgadas.

Chimicamente, a cellulose é um hydrato de carbono, estreitamente aparentado com o açucar e o amido.

O açucar e o amido são os alimentos da planta mais utilizados na sua elaboração exactamente como as proteínas são muitas vezes utilizadas na formação do protoplasma. A fibra do algodão é pura cellulose, e exemplifica a resistencia, a falta de cor, que são característicos da cellulose.

CONDIÇÕES PARA O CRESCIMENTO

As condições mais favoráveis para o crescimento são a abundante provisão de agua e as temperaturas quentes, como acontece normalmente no verão. Para o crescimento da planta como em todo a luz forte é favoravel, porque esta augmenta a provisão de alimento. Para o crescimento das folhas em particular, uma luz média é geralmente mais favoravel. No escuro, as laminas de muitas plantas não se expandem, e a uma luz muito intensa ellas não podem expandir-se por causa da perda excessiva de agua.

AS REGIÕES DO CRESCIMENTO NAS FOLHAS

Observando o desenvolvimento das folhas numa herva commum, ou nas arvores durante a primavera, podemos ver que o crescimento se opera rapidamente; igualmente, que o crescimento cessa quando as folhas se desenvolveram até a um tamanho um tanto definito. Depois que a folha amadurece, não se operará novo alargamento, nem as condições exteriores podem ser favoráveis ao crescimento. Suscita-se a questão seguinte: fazer alargar-se todas as partes da folha por igual ou fazer crear umas partes mais do que outras? Ha um caracteristico do tecido que cresce que poderá auxiliar-nos na resposta a essa questão: o tecido mais novo é muito tenro, e quebra-se facilmente, ao passo que o tecido velho é mais forte e mais resistente.

AS FOLHAS DO FETO CRECEM NO APICE

A folha do feto é uma das que podem ser estudadas na sua familia, porque a porção que cresce não é só tenra, mas enroscada, e o seu desenvolvimento pode ser notado dia a dia marcando-se com tinta da India as successivas posições da rosca. No feto de Boston, tão communmente cultivado como planta de janella, a folha pode continuar a desenvolver-se durante semanas, si a provisão de agua é adequada e as condições são favoráveis.

Evidentemente, nos fetos a região de crescimento é no apice e a parte mais velha da folha é a base.

CRESCIMENTO NAS FOLHAS DAS PLANTAS DE SEMENTE

As plantas florescentes têm, ou folhas veiaadas parallelamente, ou folhas nitidamente veiaadas, e a região de crescimento nesses dois typos é diferente. Nas folhas parallelamente veiaadas, como as dos especimens da familia dos capins, o crescimento é na base. Quantos meninos ou meninas, passando através de um campo de tomilho ou de trigo, não arrancaram as folhas dos seus caules? As folhas sempre se quebram perto da base. Si tivesséis provado a extremidade quebrada, verificariéis que ella era doce e tenra.

O facto de ella se quebrar perto da base e a doçura que ahí se nota indicam que a região de crescimento na folha do capim é na base. Uma determinação mais exacta da região do

crescimento pode ser feita marcando-se uma folha nova de capim em espaços iguaes com tinta da India.

Isto mostrará que, á medida que a folha se desenvolve, é continuamente impellida para cima e para fóra do nó a que está presa. Essa forma de crescimento é característica não só dos capins, mas tambem de muitas outras plantas que têm folhas veiaadas parallelamente.

FOLHAS NITIDAMENTE VEIAADAS

As folhas nitidamente veiaadas desenvolvem-se differentemente das folhas tanto dos fetos como das dos capins.

Um exame do crescimento das folhas nitidamente veiaadas mostrará que todas as partes são igualmente firmes. O melhor methodo de estudo é marcar a folha nova em quadros iguaes por meio de duas series de linhas parallelas em angulo recto de uma para outra. Uma folha de geranio ou de mastruço servebem para essa experiencia. Depois de muitos dias, se verá que a unica mudança é um augmento no tamanho dos quadros. As linhas em cada direcção são ainda parallelas. Isto indica que todas as partes da lamina estão crescendo igualmente.

Esses factos concercentes ao crescimento das folhas podem ser resumidos de maneira differente. Nos fetos, a ultima parte da folha que amadurece é o apice. Nas folhas parallelamente veiaadas, uma região proxima á base se acha ainda num estado de crescimento depois que as outras partes estão maduras. Nas folhas nitidamente veiaadas, todas as partes da lamina amadurecem ao mesmo tempo.

AS FOLHAS COMO FONTE DE PRODUCTOS COMMERCIAES

Muitas plantas crescem e são colleccionadas para serem desposadas de suas folhas. A parte mais nutritiva das plantas forrageiras como o feno e a alfafa são as folhas. A alface, o aipo e as alcachofras da Suissa são importantes plantas de colheita nos jardins. As folhas do fumo fornecem a base de uma industria mundial.

Os feixes flexiveis das folhas de certas agaveas mexicanas fornecem as fibras usadas na manufactura de cadarços trançados. A fibra de Manila é feita dos molhos de folhas de uma bananeira das Felippinas.

As folhas da palmeira tropical—*raffia*— são usadas pelos jardineiros para amarrar ao alto as plantas, e por outro, para a feitura de cestas ornamentaes. Outras palmeiras tropicaes fornecem as fibras de que são fabricados os chapéos Panamá. O capim enguia, que cresce no fundo da agua ao longo das nossas costas, tem sido considerado um dos melhores materias para revestir as paredes impermeaveis ao som, ao fogo e ao calor dos compartimentos das casas, das fabricas e dos armazens frigorificos, dos depositos de mercadorias. A cocaina, a caféina, *adigitalis*, os oleos de hortelã e outras substancias usadas na medicina, são derivadas das folhas das plantas.

EDGAR NELSON TRANSEAU

(Professor da Universidade de Ohio, U. S. A.)

HOMENAGENS DO PROFESSORADO MINEIRO AOS DRS. FRANCISCO CAMPOS E MARIO CASASANTA

Tiveram a esplendida significação de um pronunciamento da intellectualidade mineira, as altas e dignificantes homenagens que, por iniciativa do nosso professorado publico, foram prestadas, no dias 6, 7 e 8 de dezembro ao sr. dr. Francisco Campos, Secretario do Interior. As expressões mais altas da cultura e da civilização do Estado congregaram-se para que a essa serie magnifica de festividades não faltasse nem o cunho requintado do pensamento, nem a delicadeza emocional que dão mais preço e duração á consagração desse genero. Ampliando suas vistas, o professorado envolveu tambem, na mesma homenagem, o sr. dr. Mario Casasanta, Inspector Geral da Instrução. Das solemnidades que então se effectuaram, em honra aos dois illustres auxiliares do governo Antonio Carlos, nada diremos, em detalhe, por isso que já a imprensa quotidiana dellas se occupou, em tempo, largamente. Queremos apenas extrahir do noticiario dessa imprensa, transportando-os para as paginas de uma publicação onde elles terão agasalho mais alongado, os notaveis discursos proferidos na sessão civica do Theatro Municipal, na tarde de 7 de dezembro. Sobre serem, todos elles, peças que honram a intelligencia mineira, têm, do ponto de vista deste mensario, o valor de documentarem o alto grau de adeantamento a que chegou a execução da reforma do ensino.

SAUDAÇÃO AO DR. FRANCISCO CAMPOS, PELO DR. JOÃO MASSENA,
DIRECTOR DA ESCOLA NORMAL DE JUIZ DE FORA, EM NOME
DO PROFESSORADO MINEIRO.

“Senhores:

Ha tres ou quatro annos passados, um pouco antes do advento do actual governo, quem reparasse na situação do

ensino primario em Minas, não poderia deixar de reconhecer que haviamos progredido muito! Já não era a escola pavorosa, a escola calabouço que nos legára o Imperio, nem era tão pouco a escola indigente com que haviamos começado o seculo. Já havia algum conforto, havia principalmente a preocupação de melhorar e progredir. E' certo, infelizmente, que essa nobre preocupação ainda não havia descido até as classes populares: ficava no alto, ficava circumscripta e limitada entre alguns professores entusiastas e um outro gov rnante esclarecido. Em geral, os chefes de familia só mui remotamente se preocupavam com a vida e com os progressos da escola primaria. Não obstante esse defeito, era forçoso reconhecer que haviamos progredido muito, se comparassemos a escola daquelles dias, relativamente recentes, com a escola mais antiga, dos prim-iros annos da Republica. Mas, se cot-jassemos o que se havia feito com o que restava fazer; se comparassemos a apathia de nossas idéas pedagogicas com a effervescencia que, nesse campo, já estava agitando e revolvendo outros paizes, decerto ficaríamos immen-amente entristecidos.

Poucos eram ainda os e-tudiosos que se especializavam nesses assumptos; poucos os que consideravam o ensinar como uma verdadeira profissão. Era um simples achego, para concertar finanças enfraquecidas. No ensino secundario principalmente, quasi todos os professores, eramos os naufragos de outras profis-sões: o medico sem clinica, o engenheiro sem obras, o advogado sem clien-ella, o pharmaceutico sem drogas. E até, entre as profissões humildes, entre aquellas que não merecem a consideração publica porque não dependem de longo preparo, nem obrigam a grande esforço, estava infelizmente a do metre-escola. De nada valia dizer-se e repetir-se que elle quem const nentemente está plasmando e modelando as nacionalidades; que, das suas mãos obscuras, as novas patria: vão surgindo, bellas ou horr-veis, boas ou más, poderosas ou fracas, conforme o valor e a in-piração do est-tuario. De nada valiam essas affirmações, porque o povo já se acostumára a consideral-as, não como a legitima expressão da verdade, porém, como simples phras-es para fazer effeito, como simples ditos graciosos de oradores descoc-pados, que acaso desejassem fazer litteratura.

E' certo, no emtanto, que, quando surgiu o actual go-verno, já possuamos muitas escolas primarias e até varias Escolas Normaes. Porém estas eram simples cursos de pre-paratorios, onde seria imposs-vel adquirir-se mais do que

um começo de cultura, superficial e insufficiente. Eram estudos sem a menor especialização no alto fim que collimavam, de preparar professores; eram conhecimentos genericos e limitados que talvez não pudessem servir de base, nem mesmo ás mais modestas profissões liberaes. Tais escolas não podiam ser consideradas como verdadeiros institutos profissionais, porque alli não se aprendia a exercer nenhuma profissão. Ninguem sahia professor pelo simples facto de haver conquistado um diploma de normalista. Naturalmente uma ou outra moça, mais esforçada e mais activa, procurava completar sozinha os seus estudos. Lia, praticamente, observava, reflectia, e assim salvava a dignidade e os creditos do magisterio primario em Minas. Porém é sabido que excepções dessa natureza, tão altas, tão desejaveis e tão nobres, sempre existiram; já existiam até mesmo muito antes da criação das nossas primeiras Escolas Normaes. Sempre houve e sempre haverá em Minas alguns desses formosos espiritos, sedentos de luz, que sabem collocar-se adeante de seu tempo e acima de seu meio.

Mas não é da excepção que devemos viver. Necessitamos, ao contrario, de estabelecer e firmar como regra suprema, que as Escolas Normaes preparem professores e somente professores. Talvez, neste momento e a este proposito, os meus illustres ouvintes desejem perguntar-me: então, nas antigas Escolas Normaes, não havia, para preparar professores, uma cadeira de pedagogia? Sim, sem duvida; lá figurava ella nos programmas, que eram, como de costume, pomposos, extensos e inexequiveis. Nas aulas discursava-se com inflamada eloquencia sobre assumptos daquella difficil disciplina. Mas não era o ensino; eram simples preleções, simples divagações theoreticas e muitas vezes archaicas, sobre a natureza da criação, sobre as faculdades da alma, e outras discussões de philosophia escolastica, a que se misturavam algumas citações de auctores mais modernos ou mais em moda. Coisas excellentes talvez, porém tudo historias de entrar por um ouvido e sahir por outro, visto que lhes faltava o fundo pratico e não provinham da observação directa, nem da observação feita pelos alumnos, nem da observação feita pelos professores. Os que ouviam, funcionavam como simples receptores de idéas e opiniões, não agiam, não observavam por si mesmos. Escutavam, escutavam eternamente!, a observação que lhes vinha diluída e desordenada através das paginas do compendio ou das continuas e soporíferas preleções dos professores. E todos sabem que esse ensino puramente passivo tem sido a praga do Brasil, desenvolvendo a nossa ba-

charelice, a nossa conhecida capacidade de *saber dizer*, mas não *saber fazer*! Era a escola passiva, a *escola de ouvir*, como dizia admiravelmente certa criança americana, a respeito de uma escola, que só conseguira aborrecel-a.

Quasi todos os professores brasileiros acreditavam na omnipotencia das preleções. Desde que houvessem discurrido brilhantemente sobre qualquer assumpto, tudo d'zendo e tudo explicando, julgavam-se mestres perfeitos e insuperaveis. Tinha-se como excellente a lição, desde que fosse feita em bello e demorado discurso. Sofrii tambem des a molestia e, no meu caso, foi necessario um longo contacto com professores americanos, para desiludir-me e curar-me dessas idéas tão erras á mentalidade brasileira.

Reconhecendo as numerosas falhas e defeitos que venho haviamdo, já naquelle tempo varios governantes mineiros haviam tentado reformar o ensino e chegaram mesmo a fazer diversas modificações mais ou menos profundas. Porém, certos preconceitos, radicados e inveterados na opinião publica, ás vezes contribuíram decisivamente para a longa manutenção de deploraveis erros. Cahimos e permanecemos longamente nas malhas de um en ano, no qual, segundo parece, outras nações tambem cahiram e permaneceram. Suppunhamos que a causa dos nossos in-uccessos estava principalmente nos programmas. Acreditavamos que, se o governo acertasse em decretar uma seriação bem organizada; se estabelecessemos um "curriculum" bem pensado, teriamos resolvido o problema. E o legislador tresuava em acertar programmas, revirando-os de todos os modos imaginaveis, ora augmentando, ora diminuindo, ora remendando ou transpondo disciplinas. Governos se succediam animados do mesmo empenho, porém, a verdade era reforma não se achava. Aquelles legisladores eram, sem duvida, homens illustres, bem intencionados e movidos do mais puro patriotismo. Mas não é facto novo na historia do pensamento humano, que os melhores espiritos muitas vezes voam em direcção á verdade, gravitam em torno della, parece que vão tocá-la, approximam-se, olham-na, presentem-na, parece que vão empolgá-la e trazê-la, radiosa e pura, para augmentar a incomparaveis riquezas do saber humano... No entanto, não sei por que fa alidade, seus olhos se empnam, suas mãos caem inertes e a verdade lhes escapa.

Passam-se annos, passam-se ás vezes seculos, até que algum trabalhador mais feliz, mais tenaz ou mais ousado, por

um lampejo de genio, consegue a conquista que outros não conseguiram. Foi alguma coisa semelhante o que comosco aconteceu, logo que o actual governo começou a exercer sobre o nosso Estado a sua acção benéfica. De facto, o presidente Antonio Carlos, o magnanimo, o maior de todos os nossos estadistas vivos, o espirito liberal que illumina e guia a nossa querida Minas, indomavel e altiva... O nosso grande estadista, emfim, ao assumir o governo comprehendeu desde logo que o tradicional liberalismo mineiro, tão intenso e magnifico nas camadas sociais superiores, devia diffundir-se e propagar-se até mesmo entre as classes mais humilides. Considerou que o verdadeiro civismo não pôde viver ao lado da ignorancia e que o amor esclarecido á liberdade não pôde agitar aquellas pobres almas, infelizmente ainda muito numerosas, que em nosso paiz ainda vegetam, abandonadas e inculatas, por uma pavorosa injustiça social, por uma criminosa incuria das classes dirigentes. E resolveu empregar o melhor do seu esforço em diffundir a instrução, para dar assim maior eficiencia civica, maior eficiencia social áquellas classes esquecidas. Porém, senhores, diffundir a instrução é, por assim dizer, um logar commun, uma velha banalidade, que todos os governos inscrevem nos seus programmas.

A grande differença está em que, desta vez, a intenção era sincera e firme. E o presidente verificou que, para cumprir-a em toda a sua plenitude, o aparelhamento de que já dispunha o Estado não bastava. Eram necessarias mais escolas primarias e elle as creou ás centenas, era necessario tambem melhorar a qualidade do ensino, colloca-lo á altura das grandes conquistas pedagogicas do nosso tempo. E' claro queahi estava a parte principal, a parte mais ardua da pesadissima tarefa. Parecia que, para vencel-a, para leva-la a bom termo, um só homem não bastaria: seriam necessarios os esforços combinados de varios especialistas. Entretanto, o chefe prudentissimo do actual governo, que possui a rara faculdade de conhecer os homens, que num relance lhes distingue os meritos, bem considerando e bem avaliando o pesado encargo, resolveu confiar-o simplesmente aos hombros inflexiveis do eminente sr. dr. Francisco Campos. Raro exemplo de fecunda actividade, de vastissima cultura, de incomparavel erudição: espirito peregrino que se move e brilha com igual facilidade e com equal vigor em os mais variados campos do saber humano, o illustre politico, sem pretender impor-se como especialista em assumptos pedagogicos, porém, apenas com a visão empolgante de verdadeiro estadista, soube comprehender e abarcar todos os defeitos e falhas da nossa organização escolar. Viu

todos aquelles que ha pouco vinhamos apontando e a todos elles soube dar efficaz remedio. Viu principalmente aquella verdade de que tambem ha pouco eu vos falava, verdade esquivada, que a tantos outros se furtára. Viu que não tinhamos professores, pelo menos professores perfeitos, porque tambem não tinhamos institutos idoneos para preparal-os. Facil esoberta, direis; não seria necessario andar muito para encontrar-a! E eu respondi: a verdade assim parece ás vezes, parece simples e banal... depois de achada!

De facto, essa verdade banal a que nos referimos, ahi estava, diante de todos, patente, luminosa, offuscante. Talvez por isto o mesmo, olhos vulgares não ousassem fi-la-a e não pudessem vela. De facto, fóra dos meios escolares, ainda mesmo entre pessoas cultas, muitos a reditam que, para ser professor primario, basta possuir a celebre formula: ler, escrever e contar. Para quem assim pensasse, haveria professores á farta. Porém, o caso é bem diverso, para todos aquelles que cohecem, como vós coheceis, o quanto é complexa e difficil aquella profissão. O dr. Francisco Campos, na luminosa exposição de motivos com que escreve e justificou o novo Regulamento das Escolas Normaes, affirma que os defectos do ensino primario não estão nos seus programmas, nem na organização do seu curriculum: estão no professor. E em outra parte repete que é necessario attender á instante necessidade de melhorar e graduar, em estalão mais alto, o preparo dos futuros mestres.

Não tinhamos, pois, professores, a não ser por excepção e por acaso. Que um obsoletado e cego patriotismo não nos leve a disfarçar ou mesmo a negar essa evidencia! Não haveria nisso a menor vantagem. Ao contrario, foi a consciencia exacta, ainda que dolorosa, desse facto, que provocou e fez surgir a arrojada e quasi revolucionaria Reforma do Ensino, ora vigente. Se o dr. Francisco Campos não reconhecesse aquellas falhas, de certo não se lembraria de dar á antiga Escola Normal uma orientação tão nova e tão diversa. Ella continuava na sua faina ingloria de ensinar preparatorios, de fazer pedagogia theorica, de fabricar a tal escola de ouvir e não se havia de transformar, como se transformou, em instituto verdadeiramente profissional, onde o facto se adquire um officio, onde se aprende e onde se ensina a ensinar.

Em summa, um dos maiores meritos do illustre reformador foi precisamente esse de haver comprehendido que necessitavamos de melhores mestres e que, para obtel-os, era

indispensável reformar radicalmente o antigo ensino normal em nosso Estado.

Porém, senhores, não foi somente isso. Quanto mais leio e releio a brilhantíssima exposição dos motivos que justificam a actual Reforma, quanto mais a examino e estudo, mais admiro a pujante cerebração, que soube condensar e resumir em poucas paginas, como em um syllabus, quasi todas as grandes recommendações da pedagogia moderna.

Se alguém duvidasse desta affirmação e della se quizesse convencer, bastaria que se arvorasse em director de alguma das nossas modernas Escolas Normaes e procurasse executar fielmente o actual regulamento. Veria a li, em cada pagina e em cada artigo, a preocupação dominante de evitar, nos proprios professores dessas Escolas e, por consequencia, nos seus actuaes alumnos, quando forem mestres, a deploravel tendencia que todos temos para o ensino puramente livresco e palavroso. Veria o cuidado do reformador em estabelecer uma intima e continua collaboração entre todos os professores. Idéa essa quasi revolucionaria, porque, na maioria dos antigos estabelecimentos, as aulas eram e muitas vezes ainda são, por assim dizer, quasi secretas; os mestres, com os seus discipulos, encerravam-se nas suas salas, onde, por cortezia, ninguém mais se atrevia a entrar.

Os professores ignoravam assim quaes as qualidades, quaes os defeitos, quaes os trabalhos, qual a orientação de seus collegas. E' visivel o grave inconveniente desses esforços assim desordenados e dispersos. Mas o Regulamento dá agora efficaz remedio a esse mal, estabelecendo reuniões para troca de idéas; mandando fazer conferencias publicas, onde cada qual exponha os resultados de suas meditações e de seus estudos; organizando palestras dos alumnos para habitua-los a falar em publico e para mostrar o que aprenderam; determinando visitas constantes do director a todas as aulas, de modo que elle se possa tornar um coordenador de esforços. coordenador necessario e indispensavel para que todo o trabalho se enrelace e se faça na mais perfeita harmonia de vistas. O director, que estamos figurando, teria que fazer e ensinar a fazer a escola activa; teria que promover excursões, organizar experiencias pedagogicas, cuidar e fazer cuidar da methodologia de todas as cadeiras, ler e fazer ler por todos os professores e alumnos as obras mais notaveis dos grandes pedagogos; teria que organizar *testes*, dar aulas-modelo, mostrando como se en-

sina, não, como outróra somente, por meio de preceitos e regras, que eram quasi estereis, porém sim tambem pelo exemplo, que é fecundo; deveria, pois, uniformizar e concertar a marcha da escola, trazendo sempre todos os professores bem informados dos trabalhos e dos esforços que se fazem isoladamente nas outras aulas; deveria munir-se de paciencia e de tacto para poder aconselhar sem asperezas e discutir sem conflictos os methodos e processos alli empregados. E ainda lhe cumpria, ao reerido director, socializar a escola, isto é, interessar os paes, interessar a sociedade, interessar o povo na marcha e no desenvolvimento do ensino da infancia e da mocidade de nossa terra, realizando assim a conhecida aspiração de que a escola fosse um prolongamento do lar e o lar uma continuação da escola. Teria finalmente que cumprir centenas de outras determinações regulamentares, simples, claras, incisivas, que formam e constituem a mais radical reforma a mais completa, a mais perfeita organização de ensino, que jamais tivemos!...

Talvez me pergunteis se tudo isso, a que acabo de referir-me, já foi executado? E eu vos direi que ainda não! Estes dois primeiros annos, em grande parte, têm sido empregados em preparar professores, em nos prepararmos! E esse longo trabalho marcha e se desenvolve lentamente, porque no Brasil e em materia de pedagogia, assim como em muitas outras, todos somos forçados a ser um bocadinho auto-didactas. E por isso eu não creio que já existam, nem aquelle director perfeito, nem aquellos professores ideaes. Porém, é evidente a boa vontade com que todos acodem aos appellos do governo. E a este proposito, no começo deste anno, eu já dizia aos professores da Escola Normal de Juiz de Fóra:— E' bem certo, senhores, que temos agora, mais do que nunca, um governo liberal e esclarecido, sinceramente empenhado em melhorar os nossos antigos methodos de ensino e em diffundir a instrução por todos os recantos do immenso torrão mineiro. Para isso, elle necessita do auxilio de todas as classes sociais e conta naturalmente com a collaboração leal e effectiva de todos os professores.

Porém, compete principalmente, ás novas Escolas Normaes, por intermedio de seus mais abalados mestres, promover a rapida renovação das antigas idéas, trabalhar sem descanço para vencer as reluctancias do espirito conservador, que entre os professores é tenacissimo, apressar o passo aos retardados, levar a convicção e a crença aos que ainda duvi-

dam, aos que ainda não têm fé nas conquistas da pedagogia nova.

E todas essas escolas já estão cumprindo o seu dever; nota-se por toda a parte um grande esforço de trabalho, um desejo ansioso de progredir. Mal o governo formula uma ordem, centenas de trabalhadores acodem a cumpril-a. Agitam-se, por todas as tribunas e por todos os jornaes, conferencistas ou escriptores que falam ou escrevem sobre os mais variados problemas da instrucção.

Porém, a tarefa é immensa e assoberba as melhores energias. Não eram muitos os professo es que estavam preparados para o novo movimento: sio ainda bem poucos os que possuem os recursos para iniciar o seu preparo. Por isso não é de admirar que a sabia reforma, ora vigente, ainda que tenha posto um vasto rumo de renouamento, um fremito de progresso até mesmo nas pequenas escolas das mais obcuras aldeias, ainda não esteja sendo bem executada por todos os professores. Não convem occultar que a nova orientação pedagogica ainda não foi bem percebida por toda parte e ainda não está sendo integralmente executada, nem mesmo nas grandes cidades do nosso Estado.

Ella é talvez demasiado grandiosa, talvez mesmo demasiado revolucionaria para grande numero de espiritos que permecem, durante muitos annos, indifferentes á rapida evolução da pedagogia. Muitos eram os respeitaveis professores que permaneciam como adormecidos e satisfeitos com as idéas do passado, monotonamente repetindo os mesmos methodos que haviam servido para a sua aprendizagem, nas escolas de seu tempo. Mas e l-os agora que despertam, estremunhados e tateantes, ao vigoroso empuxão das idéas novas. E' necessario dar-lhes algum tempo para que se equilibrem; é urgente proporcionar-lhes meios para que renovem e refaçam os seus estudos; são necessarios alguns conselhos para que elles consigam orientar-se. Demos, pois, um pouco de tempo, ao tempo...

Senhores. Uma outra face do nosso actual problema pedagogico é a que se refere á deesa da Reforma, contra os perigos que a cercam. E' necessario que todos os professores combatam em torno della, como em torno de uma bandeira. Mas, para dar impeto e coragem aos combatentes, é necessario que elles estejam convencidos do valor e da justiça da causa que defendem. Por isso, eu vos peço, examinae a Reforma, es-

tudae-a detidamente, convencei-vos e convencei aos vossos ovinos de que ella é util e proveitosa ao nosso Paiz. Se o não fizerdes, correremos o risco de vel-a mutila a, porque o espirito reaccionario e passadista, por mais que nos esforcemos em destruil-o, muit s vezes reponta, insistente e teimoso, até mesmo entre os homens mais cultos. Por isso poderá talvez acontecer que algum legislador ou governo, momentaneamente atacados daquelle mal, pretendam lançar mãos profanas sobre as proprias pedras angulares do majestoso edificio, que a sabedoria do actual governo vem laboriosamente construindo. Seria um crime, porque estou bem convencido de que, durante muitos annos, ainda, a pedagogia não fará tantos progressos que nos obriguem a demolil-o; ao contrario, teremos sempre que respeitar ao menos as suas linhas geraes, porque alli só se podem corrigir e melhorar minucias e pontos secundarios.

Na Escola Normal de Juiz de Fóra, ha um grupo de professores entusiastas, intimamente convencidos dos grandes meritos da actual Reforma, e sinceramente empenhados em cumpril-a, com a maior exactidão possivel. Já vos disse que, neste empenho, ainda não chegamos á perfeição, porém, temos feito tudo quanto o nosso patriotismo nos suggere. Naquelle instituto de Juiz de Fóra, todos acreditamos que, para bem servir a Reforma, não basta executar a reolhidamente no recito calmo das nossas aulas.

E' necessario mais; é necessario vir a publico dizer sobre ella o nosso pensamento e a nossa convicção.

E' o que venho fazendo em toda esta minha longa e des-cosida arenga, esquecendo talvez o fim principal, que era o de dizer a nossa gratidão e o de proclamar todos os meritos pessoais de nosso illustre homenageado. Mas esses meritos são de tal modo evidentes, de tal modo conhecidos, que repetil-os agora seria facil, porém, desnecessaria redundancia. Limito-me, pois, a apresentar ao eminente sr. dr. Francisco Campos as entusiasticas saudações, as sinceras homenagens de todo o proessora o mineiro, e muito especialmente dos professores de Juiz de Fóra, pela grandiosa criação com que o illustre politico vem enriquecendo a nossa terra.

Senhores, sem duvida, o dr. Francisco Campos é a figura central deste sagrado esforço, deste magnifico empenho que Minas está fazendo em prol das gerações futuras. Porém, ao seu nome venerando, dois outros intimamente se entrelaçam, e não podemos esquecel-os nem separal-os nesta carinhosa ho-

menagem: Antonio Carlos, o grande inspirador, o Mario Cassanta, o infatigavel, o entusiasta, o incomparavel trabalhador que, com suas energias moças, está dirigindo com segura mão o cumprimento exacto da reforma.

Quando os homens de amanhã se recordarem desta nossa tarefa e repetirem agradecidos um daqueles nomes, os dois outros igualmente surgirão nas suas memorias. Será a infalível justiça do futuro.

Para terminar, senhores, eu quero ainda fazer, deante de vós, uma profissão de fé: Não obstante as acerbas preocupações e as fundas tristezas da hora ameaçadora que passa, eu creio nos destinos radiosos do Brasil; acredito no patriotismo da grande maioria de seus homens publicos e creio, principalmente, na força invencivel da instrução para salvar as democracias. E commigo o povo tambem assim o cre. A prova está nesta homenagem, que sobe e afflue de todos os cantos do nos-o Estado, para vir glorificar o cidadão prestante, o patriota sincero que está cuidando da instrução do povo. Com a instrução de todas as classes sociaes, com a iluminação constante das massas populares, irá crescendo sempre o nosso tradicional liberalismo, o liberalismo que herdamos de nossos paes e que palpita em todas as fibras do coração mineiro. Não tenemos receio de que elle possa falhar, porque esse liberalismo é um sentimento irreprimivel de nossa alma collectiva, que não se submete, não vacilla, não se cala, não se humilha. Ena hora tremenda das batalhas, resurge, como agora, mais impetuoso, mais invencivel e mais forte.

SAUDAÇÃO AO DR. FRANCISCO CAMPOS, PELO DR. GUSTAVO CAMPANEMA, PROFESSOR DA ESCOLA NORMAL DE PITANGUY, EM NOME DO PROFESSORADO DO OESTE DE MINAS

• Exmo sr. dr. Francisco Campos:

Quiz o professorado do Oeste de Minas, por ser esta a região onde nascestez, que as suas homenagens vos fossem hoje expressas com um particular carinho e por um interprete tambem particular. Na quali ade de filho de Pitanguy, terra de vossos maiores, coube-me o privilegio dessa insignia tarefa. Sem duvida, não andaram bem avisados na escolha os nossos conterraneos, porquanto, in-pirados em motivos puramente sentimentaes, se esqueceram das difficuldades do mandato e das deficiencias do procurador. E esse esqueci-

mento me parece ainda mais grave agora, depois que o professor Massena, com a sua magnifica oração, elevou esta tribuna a uma altura tão vertiginosa.

O carinho especial destas homenagens ficaria bem justificado com o simple facto de serdes um filho do Oeste de Minas. Mas para isso occorre ainda outro motivo, que é a gratidão de todo o povo daquela zona para convosco, pelos innumeraveis e preciosos beneficios, que lhe tendes proporcionado com o prestigio de vossa presença no governo. A nossa região, no actual periodo, tem preperado consideravelmente na sua educação popular, no seu systema de transportes, nas suas condições de hygiene, nos seus negocios de policia. E taes melhoramentos, em muitos de nossos municipios, só têm sido adquiridos mercê do vosso infatigavel cuidado. A voz do professorado é, desta maneira, a voz do proprio povo do Oeste de Minas, que assim se aproveita desta oportunidade para abrir deante de vós o coração. Estae certo, pois, de que os sentimentos que agora vos declaro são os do proprio povo de nossa região, o que quer dizer ainda que são os sentimentos de todo o povo mineiro, desse mesmo povo, que, da a dia, mais se afirma no proposito de cerrar as suas poderosas illi-lras em torno de vós, por serem cada vez maiores a sua admiração e o seu amor pela vossa empolgante personalidade.

O que antes de tudo surprehende e commove em vós é o soberbo espectáculo humano que sois. Todas as preciosidades da intelligencia e as mais puras e temperadas inclinações da vontade compõem harmoniosamente o vosso perfil de grande cidadão. Nenhuma ausencia, nenhuma desavença, nenhuma sombra no vosso espirito. Todo elle é um milagre mediterraneo: percepção veloz e penetrante, imaginação arejada e audaciosa, juizo subtil, ironico e clemente, raciocinio claro, livre, seguro, equilibrado. E o vosso caracter, de architectura catholica, é feito de uma substancia dotada das mais preciosas qualidades christãs

Tal o panorama de vossa personalidade superior, que é, sem duvida, figura exemplar e typo representativo do humanidade.

O rumo de vossa carreira estava determinado por vosso antepassados. Dentro das categorias do seu espirito, é qu

se ia fazer o processo de organização de vossa mentalidade, que desse modo se tornaria política por excellencia, tão certo é que a paixão de commandar os homens é uma lei de constancia em vossa familia. Foi de vossos maiores que herdastes todos os vossos dons de homem de gove no, esses dons tão altos e tão nobres, que só elles poderiam explicar a singular posição de prestigio que occupaes entre nós, a fa inação e a influencia que sobre todos exercéis e a convicção, em que estamos, de termos em vós um legitimo genio politico.

Em vós encontramos todas as grandes virtudes do homem de Estado: o senso da realidade e a isenção pessoal, o amor para com o povo e a consagração aos interesses communs, a indole democratica e o espirito juridico, a intrepidez da acção e a vocação de commando.

Em verdade, em face dos problemas de governo, nunca vos vimos renunciar ao criterio do bom senso. As vossas soluções foram sempre tiradas da observação do real e estiveram sempre carregadas da seiva da terra, do impeto da vida. Votae: o maior horror aos esbanjamentos theoricos e não vos deixastes enredar jamais nas cavalhadas ideologicas. Em face dos homens, têm sido sempre deliberadamente afastadas por vós as questões pessoases, não vos permitindo arrastar nem por aversões, nem por sympathias. Esses dois caracteres da personalidade bastam a definir um grande homem de Estado, como lucidamente observa Emil Ludwig.

Mas nem por is-o havemos de silenciar agora o vosso grande amor para com povo. E' verdade que nunca vos vimos cortejando a popularidade ou seduzindo o eleitorado, como entre nós costumam fazer certos politicos solertes e primarios, pasmamente desprovidos de sensibilidade patriótica. A prova desse vosso amor está na maneira affectuosa, enternecida e familiar, com que vindes idealizando o nosso «lar mineiro» e o «outro lar, maior, porém não menos intimo e querido, da grande familia brasileira». E essa prova ainda está na vossa consagração infatigavel aos nossos mais caros interesses collectivos e, sobre tudo, nesse trabalho tenaz, corajoso, honesto e clarividente, em que vos tendes empenhado nestes tres annos de governo, para dardes um novo sentido e um novo desenvolvimento á educação das crianças mineiras, dessas magnificas crianças que vós amaes com tão noble e larga ternura, a ponto de lhes chamardes «argila divina», «nobre metal» e «infancia preciosa».

Forçoso é dizer ainda de vossa grande vocação republicana. Neste particular, nada mais harmonioso que o vosso pen-

samento. A vossa indole não é nem a de um dictador, nem a de um demogogo. Contra a dictadura, oppondes o vosso prudente e vigilante espirito democratico. Estamos sempre a ouvir a vossa declaração de que o poder se deve socializar, espalhando-se pelos homens, e o vosso appello para que o povo collabore com o governo, orientando-lhe o pensamento e acroçoando-lhe as iniciativas, amparando-o nas fraquezas e embargando-o nos excessos. E ainda agora vos vemos, sereno e invencivel, na primeira fila dos que se levantam contra o abuso de certas correntes politicas do paiz, confirmando ainda esta vez aquelle claro e bonito conceito de Aristotelis: « Nas democracias são os notaveis que se insurgem ».

Contra a demagogia, estivestes sempre assegurado pelo vosso espirito juridico. Póde-se dizer que o direito é a vossa maior tentação. Desde cedo vos habitunastes á sua disciplina severa e nunca mais perdestes esse claro sentido da lei, principio e condição que é da justiça e da ordem. Dahi o vosso combate ás doutrinas da livre interpretação e a vossa advertencia de que a anarchia seria a sua consequencia pratica. O preceito legal, com as suas qualidades de solidez e precisão, apparece, então, em vosso pensamento, como a armadura inflexivel, dentro da qual a sociedade se deve manter e accommodar.

Afinal, o que mais nos abala em vosso genio politico é a intrepidez, o enthusiasmo, a saude, com que vos atraes á acção, apontando novos rumos, rasgando novos caminhos, creando novas iniciativas, ao mesmo tempo que conceitae as novas gerações a vos acompanhar, para participar de vossos sofrimentos e de vossas alegrias e para commungar o vosso pensamento e obedecer ás vossas determinações.

Podereis ficar certo, mestre amado (e agora vos falo em nome dos moços que chamastes), podereis estar certo de que faremos uma legião para vos acompanhar. Estamos convencidos de que a verdade e a nobreza estão commovos e por isso o vosso appello impressionou profundamente a nossa intelligencia e o nosso coração.

Esta hora que vivemos é cheia de inquietação. Assistimos ao desmoronamento de idolos millenares e sentimos, com Paul Valéry, como uma civilização tem a mesma fragilidade de uma vida. E ao passo que novas fórmas de pensamento vão apparecendo, faz-se a confusão nos espiritos orientadores,

e do fundo dessa confusão surgem pregações traiçoeiras, comprometendo os interesses superiores da humanidade em proveito de subalternos interesses materiais, tanto mais queridos e buscados pelas massas, quanto é mais singela a sua compreensão e mais próxima a sua conquista.

As melhores intelligencias de nosso tempo não se fatigam de denunciarem esse violento conflicto e de deprever as consequências politicas e moraes que de sua solução podem provir para a humanidade.

Ora, é precisamente neste momento, quando os aventureiros do pensamento politico nacional desandam em falações escandalosas, gritando que os interesses do paiz são de exclusiva natureza economica e apregoando uma civilização materialista, em discursos e entrevistas cheias de bobagens já tão fatigadas de silvos de machinas, apitos de usinas, tataral de comboios, rumores de industrias e clamores de lavouras, precisamente neste perfido e decisivo momento, é que assistimos á floração de vosso evangelho politico, equilibrado e harmonioso como um templo grego, onde se estabelecem e se definem o verdadeiro alcance e os precisos limites do dominio do temporal e do espiritual e donde jorra a certeza de que a nação brasileira precisa reagir contra os falsos prophetas do seu industrialismo e do seu nacionalismo, para seguir os avisos daquelles que, como vós, nos convocaes a construir uma patria possuidora de riqueza, prosperidade e solidez, mas tambem e sobretudo illuminada de pensamento e limpa de character, sem preconceitos de fronteiras nem vaidades nacionaes, uma patria clara, larga e benigna, onde não minguem jamais a generosidade e a tolerancia, e haja sempre logar para as mais puras e nobres aspirações humanas.

A minha ultima palavra, portanto, ha de ser de compromisso, do grave compromisso de vos acompanhar e de sacrificar tudo que for preciso para não largarmos o caminho que tão luminosamente nos estaes apontando.

DISCURSO DE AGRADECIMENTO DO DR. FRANCISCO CAMPOS, SECRETARIO DO INTERIOR

« Bastava que houvesse esboçado a intenção de proporcionar-me a alegria e o conforto moral dessas homenagens. Mais não seria preciso para que meu coração se sentisse opprimido de emoções, que caprichastes em tornar penosas por que inexprimeis. Não contentes de suprehender-me

com a latitude que destes ao vosso programma, ao qual se associaram as mais significativas expressões da actividade e da cultura mineira, timbrastes em revestir os vossos propósitos de todos os primores da sensibilidade e da intelligencia, convocando para o quadro, em que se vêm desdobrando os artificios da vossa generosidade, de todos os dons e prestigios da natureza humana os mais nobres, os mais delicados e os mais raros, desde os da belleza e os do rythmo, a cuja cadencia a vista se distancia das fórmas e o ouvido se aprofunda em comprehensão, até os do verbo e do espirito, cujas amplas ondulações acabam de atravessar esta atmosfera carregada de receptividade moral, tornando-se, por assim dizer, visiveis na resonancia e na fulguração com que — á imagem dos meteoros, assignalando a sua passagem pelo céu, — as palavras transfiguradas pela intelligencia abrem no pensamento e no coração sulcos phosphorescentes e sonoros.

Os requintes na gentileza, a arte e o capricho na prodigalidade, a imaginação no sentimento, a intelligencia no affecto, o esplendor na modestia, o feitiço, o encanto, a seducção, de cujas decantações a alma compõe o filtro da sympathia e da bondade, — todos estes primores e maravilhas, que conferem á vida humana, tão de perto confrontada pelas contingencias do tempo e do espaço, as incalculaveis dimensões da amizade fraterna e do affecto desinteressado, eu os vejo e sinto aqui reunidos e enlaçados, compondo no ambiente sensível o campo das afinidades espirituaes e a aura da entendimento e de comprehensão que reúne em torno da lampada a familia, assim como em torno do ideal os homens que prestaram o mesmo juramento de servil-o.

E eis como, assim, subitamente se illumina de motivos a vossa iniciativa e o vosso gesto. As forças que aqui nos reunem não são as do accidente ou das pessoas. O accidental e o pessoal representam apenas a contingencia a que, como a alma ao corpo, se hão de cingir, no theatro das relações humanas, o illimitado da aspiração e o indefinido do ideal, que encontram naquella contingencia o instrumento passageiro e a forma transitoria graças aos quaes podemos avaliar a cada instante o angulo que mede a distancia infinita entre a imagem, cuja ascenção no espirito descreve por antecipação a curva do tempo, e a realidade, cuja gravitação retarda no tempo e no espaço, alem de desfiguradas, as felizes antecipações com que de longe nos acena, appellida e convoca o ideal.

O que neste instante nos reúne é mais profundo e permanente do que o accidente fortuito e occasional que tomastes como

pretexto. Cedestes, elegendo-me um instante para o lugar de honra, áquelle desalentadora, mas abençoada contingencia que só permite aos humanos consagrar o ideal no seu sacrificio. Personalizastes o ideal, diminuindo-o e desfigurando-o, para que em compensação elle se tornasse presente e vivo. Pouco importa o accidente ou a pessoa: na categoria do ideal todas as dimensões terrestres se equivallem.

Quizestes que em mim, embora um instante, se representasse o ideal que a todos nos anima. Eis como de um accidente fizestes um symbolo. Assim o quer o destino, que só nos permite figurar o permanente sob a imagem do que passa. "Alles verganglich ist nur gleichniss", tudo o que passa é apenas symbolo, como no distico de Goethe.

Reunidos, pois, em torno da mesma lampada e compondo, dia a dia, o mesmo pensamento, deliberastes festejar, findo o longo e animado serão, no vosso companheiro de trabalho, o resultado dos esforços e das vigílias communs, assim como significar á lampada perenne que a sua chamma não arde em vão, porque por ella se guiaram as nossas mãos e os nossos olhos.

Eis como justifico esta homenagem e como a acceito: é uma festa da familia e um acto symbolico.

Daqui onde estamos podemos medir o caminho percorrido. Convem, de vez em quando, fincar estes marcos de reparo, pelos quaes se nos torna possível avallar as distancias e traçar as curvas do esforço e do trabalho.

Felizmente, e é o que testemunhaes com o vosso rego-sijo, o esforço, o trabalho, o devotamento e o sacrificio renderam os fructos esperados. Se alguma surpresa nos reservou o curto espaço de tempo decorrido, foi a de ver os nossos votos e desejos cummulados além da expectativa.

No plano da these e do debate ha pouco mais de um anno, a reforma do ensino se encontra hoje em adeantada phase de prova e de applicação conscienciosa, constituindo legitima causa de jubilo e de orgulho para o professorado mineiro, graças a cujas aptidões de intelligencia e qualidade de caracter, se tornou possível realizar, em breve curso de tempo, a readaptação da escola aos planos da realidade e da vida, nos quaes encontra, a um só tempo, motivos de animação e de renovação dos seus quadros intellectuaes e moraes, bem como as finalidades que a situam, no panorama da civilização e da cultura do nosso tempo, á entrada de todas as avenidas que conduzem á affirmacão e á conquista de valores humanos.

Renovação de methodos e de processos de ensino, classificação de valores pedagogicos e humanos, mudança de directivas e de centros de trabalho, reorganização de interesses intellectuaes e affectivos, recomposição e prolongamento de perspectivas, enriquecimento e ampliação de horizontes mentaes, modificações n. comprehensão do mundo escolar e nas suas articulações espirituasas com o plano da vida e da acção, elementos estes todos, de cuja integração resulta, seguramente, não apenas um modo novo de comprehender a escola, senão tambem de comprehender o mundo; não apenas uma pedagogia, mas, tambem e sobretudo, uma philosophia.

Embebendo a escola mineira na atmosphaera de idéas e de actividade, que compõem a physionomia do mundo contemporaneo, abrindo espaço nas suas categorias e nos seus programmas a novas formas de actividade e de comprehensão, suggerindo-lhe novos estímulos e valores intellectuaes e moraes, vimol-a emergir, aos poucos, do passado para o presente e esboçar, ao mesmo tempo, para o futuro, um gesto largo e promissor.

Dado o impulso inicial, vós soubestes acceleral-o continuamente, applicando a vossa intelligencia e os vossos raros dons de coração ás obras escolares em todos os seus aspectos e modalidades, de maneira a poderdes offerecer ao povo mineiro, ao fim da primeira etapa, o testemunho de que merecida era a confiança que elle em vós depositou, abrindo-vos, de uma só vez, o credito do seu presente e do seu futuro.

O trajecto ainda é longo a percorrer. Uma reforma se julga pela sua riqueza em perspectiva e pela abundancia de espaços livres em torno dos seus edificios e ás suas construcções. Não se destina a fixar ou crystalizar um estado de espirito; somente o é na medida em que liberta a intelligencia e offerece novos planos e areas mais extensas aos seus vãos e ás suas evoluções. Uma reforma é tanto mais duradoura quanto mais plasticos e extensíveis os seus moldes, quanto mais relativas as suas medidas, quanto mais vivos e elasticos os seus órgãos. Em a nossa, felizmente, ainda são largas e profundas as perspectivas, amplas e distantes as curvas dos horizontes, deixando-se apenas circumscrever com o olhar o immenso panorama que espera a mão a testrada, a intelligencia audaz e o genio constructivo para o transformar, animar e povoar de edificios e de creações humanas. O passado nos encoraja a confiar no futuro.

Quantas novas conquistas a realizar no terreno apenas desbravado!

Que a reforma continua a reformar e incitar o espirito é o mais seguro testemunho de que ainda abundantes e poderosas são as suas reservas de motivos, estímulos e inspirações.

O que é certo, pois, é que a fonte ainda corre, sendo indispensavel corra ininteruptamente para que continue a ser fonte e, por conseguinte, viva. "Die Quelle Kann nur gedacht werden in-often sie fließt", como disse Goethe, resumindo neste aphorismo as condições de toda concepção de uma coisa viva.

A mais importante e fundamental das nossas aquisições já não é objecto de duvida e de cogitação.

Passada já é a época das discussões excogitações, rectificações, reparos e negações.

Toda victoria passa, como um fogo celeste, através desse ether negativo. Atravessando-o, ella se torna ignea e flammejante, assim como a vontade, na atmosphera da contradicção, sente incandescerem-se os seus elementos positivos.

A nossa victoria atravessou tambem, no seu vôo alcyonico, as regiões da tempestade, até que alcançasse as do azul e do equilibrio dos elementos. Ganhamos, finalmente, a terra firme. A reforma não está mais em debate, mas em acção. Não é tempo de dar ouvidos á incompetencia travestida de Minerva, á critica desfigurada pelo despeito, ao zôio dissimulado em conselheiro, á incapacidade ou á timidez disfarçada em prudencia, ao regimen e á dieta mental dos que sorvem aos goles o ar do largo, embebido de sal e de iodo, ás pequeninas argucias e ás miudezas granulares das intelligencias que se nutrem apenas das sementes privadas de germen, ás aves domesticas que entram a cacarejar toda vez que passa sobre o seu terreiro, nesses vôos lentos e circulares, que parecem de inspecção, as aves afortunadas, cuja envergadura de azas lhes abre por dominio a luz, o ar, o azul...

Estamos construindo. Quem quizer collaborar traga projectos e virtudes constructivas. O trabalho exige disciplina e silencio, a disciplina e o silencio voluntarios de quem segue com a intelligencia, orientando-as, as mãos occupadas em modelar, ajustar, compor e produzir. Não ha na colmeia activa e honesta, nem espaço nem mel para os mestres cantores, que se limitam a contemplar e a respigar as sobras.

Prosigamos, de animo desperto, na immensa construcção, jamais concluida pelos individuos, nem sequer pelas gerações, que umas ás outras se succedem procurando, em vôo, cumular esse angulo infinito que, tal é a nossa natureza, ha de sempre medir o incalculavel desvio entre o ideal e a realidade que o desfigura. Amemol-a entretanto, essa pobre realidade, que é o unico instrumento de que dispomos para commensurar e conferir os nossos ideaes. Procurando realizal-os, tel-os-emos, pelo menos, tornado mais distantes da sua imagem e, portanto, mais proximos do nosso desejo e mais ao alcance das nossas aventuras e dos nossos sonhos. Construindo e edificando, teremos contribuido para que cada vez mais se amplie e se dilate sobre a terra a area em que o homem se sentirá abrigado de corpo e de espirito.

Os mineiros vos devem esse beneficio. Vós os tendes ajudado, muitas vezes com os vossos proprios sacrificios, a construir esses abrigos provisorio: a cujo calor crescem e prosperam os bens do espirito, sem os quaes a viagem da intelligencia pelo mundo somente colhe a pedra bruta e esteril e o cardo dos caminhos. Elles vos devem reconhecimento e estima.

Que se lembre, tambem, aqui e agora, a notavel personalidade intellectual e moral, a cujas virtudes de intelligencia e de caracter se deve o ter sido possivel operar, em tão pouco tempo e com tantos fructos, reforma tão completa e radical no nosso systema de educação. Eu me refiro ao presidente Antonio Carlos, cuja larga comprehensão da natureza e do papel do ensino publico em nosso paiz e em nosso tempo, representa para o mineiros uma dessas preciosas e felizes anticipações sobre o futuro, mercê das quaes se pôde, a um dado momento, acelerar o rythmo lento e escandido pelo qual alguns povos costumam ficar esquecidos nos caminhos da historia.

A vós, porém, nunca serão demais os estímulos e louvores. Hoje não é o meu, é o vosso dia. O que celebraes com tanto regosio é a vossa propria victoria. Eu me congratulo com vosco e vos felicito e vos applaudo, assim como a todos quantos, directa ou indirectamente, collaboram nesta obra que não tem assignatura, porque collectiva, anonyma, comum.

E' com prazer que nessa opportunidade destaco e enalço como merece, o inestimavel concurso que a todos nós vem prestando o meu caro amigo dr. Mario Casasanta, cujo

fulgurante talento e competência dia a dia crescente, se encontram integral e devotadamente ao serviço da educação pública, quotidianamente entregue a uma tarefa que, se lhe traz fadigas e sacrificios, importará, certamente, em dívida de reconhecimento dos mineiros para com elle.

Já é tempo de vos formular o meu agradecimento sem limites. Jamais se apagarão da minha memoria a paizagem e os horizontes desses dias, de cuja luz parece que se teceram os vossos pensamentos, cuja delicadeza, radiação e calor não posso traduzir senão comparando-os á claridade do dia e á belleza e ao infinito do azul.

Comvosco o meu coração e o meu pensamento, juntos pensando, sentindo e trabalhando em torno da mesma lampada, cuja chamma até aqui ainda não deixou de arder, guiando as nossas mãos e os nossos olhos."

DISCURSO DE SAUDAÇÃO AO DR. MARIO CASASANTA, PELO
DR. ABGAR RENAULT, PROFESSOR DO GYMNASIO
MINEIRO, EM NOME DO PROFESSORADO
DE MINAS

"Mario Casasanta.

A escolha de meu nome para falar nesta solemnidade, em nome do professorado mineiro, é para mim uma razão de orgulho authentico e legitima alegria.

Longe de dizer, nos moldes fatigados de revelha e gasta usança, que me sinto inquieto e assoberbado pelo peso e responsabilidade da missão que me foi commettida, eu sou induzido a confessar que, assim como não me surpreendeu o convite, também a-sim não me alarmou o trabalho de composição deste discurso.

Não me alarmou a tarefa em perspectiva, porque falar a Mario Casasanta, em uma oração publica, para mim nada mais significava do que publicamente deixar falar o coração, sem curar de recorrer ao potencial da imaginação, constrangendo-a a crear e phantasiar, para o fim de disfarçar, supprir e compor precariedades e deficiencias de mofina realidade. Não me surpreendeu o convite, porque, além de integrado na classe professoral do Estado e ser, antes de tudo, um professor, bem percebi que aquelles, a cuja conta esta homenagem corre, tinham conhecimento de nossos laços affectivos e de nossas affinidades espirituaes, e para logo entreviram que nos seria grato a ambos vermo-nos frente a frente, num momento como o de agora, um a falar, o outro

a ouvir, a palavra cordial do affecto e da admiração, que, de resto, não excluem, antes, implicam a sinceridade no pensar e a justeza no dizer. E dadas essas circumstancias, ser-me-á relevado esquecer que me dirijo a uma das mais elevadas auctoridades publicas de Minas, e exculpado serei tambem de deliberadamente quebrar com as expressões e usos protocollaes. Assim, Mario Casasanta, você me permitirá que lhe retire o solemne vossa excellencia, a que tem pleno direito neste instante, e o trate, muito embora em nome de subordinados seus, pelo você correntio e sem cerimonia com que o trato em nossa intimidade. Os mandantes, a que ora obedeço, não terão motivos para extranheza; nem, naturalmente, a sua auctoridade de Inspector Geral da Instrucção se melindrará com essa familiaridade, que é agora delles e minha, por equal.

Quando o governo do Estado foi buscal-o á sua banca de advocacia, em Dois Corregos, afim de confiar-lhe a direcção do ensino em Minas Geraes, aquelles que de perto o conheciam estavam previamente seguros de que v., Mario Casasanta, iria honrar as tradições illustres que por aqui deixára e iria illuminar de um brilho antes não visto as funcções de seu cargo. E sua actuação não desmentiu, senão que em tudo realizou e, por vezes, de muito ultrapassou o prognostico de seus amigos. V. chegava num momento crucial da vida da instrucção collectiva de Minas Geraes. Objectivando planos e idéas do grande Presidente Antonio Carlos, Francisco Campos acabava de lançar as bases de uma remodelação, tão extensa quanto profunda e completa, do nosso ensino primario, integrando-o definitivamente no ambito de todas as conquistas de vanguarda da pedagogia deste seculo. Seguindo e, por as im dizer, prolongando no plano do real, as linhas, contornos, sulcos e tendencias de altura e profundidade da seu espirito maravilhoso, Francisco Campos deixou á margem as superficies rasteiras e movediças do problema, penetrou-lhe o sub-solo, e surpreendeu-o em suas raizes mais fundamentalmente afincadas na terra numerosa, variada e complexa de que elle emerge, se alta, se esgalsa e frondeja. Bem sabia elle que somente a profundidade — que é, em sua figura intellectual, um como sexto sentido — é capaz de produzir a altura. Nam será talvez por mera coincidência ou casualidade que "alto" e "profundo" são vocabulos etymologicos e substancialmente synonymos. Desta forma, não se contentou Francisco Campos com organizar novos programas, dentro a uma visão global das disciplinas, entrando-lhes mais cohesamente a estrutura e o conjunto; seriando-lhes

melhor e mais logicamente a ordem e dosando-lhes mais apropriadamente a quantidade.

Nem lhe bastou accrescel-os de novas disciplinas, que, embora imprescindiveis, não haviam ainda encontrado guarida nos programmas vigentes. Sem embargo, a seu ver, tudo seria aleatorio, porque epidermico, e o problema, no fundo, subsistiria insolúvel como dantes.

A escola era, até então, como eu proprio já disse, uma especie de "coisa em si". A criança era antes feita para a escola que a escola para a criança. Esse, o erro dos erros. A tarefa liminar estava, portanto, em perquirir a criança em suas tendencias, receções, aspirações e actividades, partindo do principio de que ella não é um adulto, em miniatura, nem mental, nem moral, nem mesmo physiologicamente, consoante suppunham os physiologistas do seculo XVIII, sinão que, ao revés, constitue um typo humano especifico, na exacta medida do qual tem de ser esboçado, plasmado e crystallizado tudo quanto se lhe destine. Conseqüentemente, a escola só podia ser, em todos os seus aspectos, uma criação do espirito infantil, isto é, uma criação segundo esse espirito, e a seu gosto e geito. Dahi, a larga intervenção da psychologia na orientação geral da nossa reforma. Mas, a Francisco Campos isso ainda não se afigurou sufficiente.

De feito, a que viriam novos programmas? De que serviria um outro norteamento no sentido moderno? Por que o estudo do espirito e do corpo da criança? Para que uma nova escola, em summa, se não havia professores para ella e se não se curasse, desde cedo, de formar os professores necessarios, adaptando os já existentes á nova ordem de idéas conquistadas? Seria construir no vacuo. Toda a nossa reforma não passaria de um deplorabilissimo "factus vocis". E o sr. Francisco Campos reformou, então, o ensino normal — que é o plasmador dos nossos professores.

Estava completa, afinal, a obra formidável: alicerces profundos e firmes; paredes espessas e lisas; salas amplas, varadas de janellas, batidas de ventos livres e aclaradas de sol ardente; linhas geraes claras e nobres; cupola alta e polida por sobre a rijeza do travejamento. Minas Geraes estava dotada do mais perfeito systema de ensino primario e normal que ainda se levou a cabo no Brasil. O aparelhamento sem par estava construído e apto a funcionar. Foi quando V. chegou, Mario Casasanta. Lá longe, alcançára-o a noticia de que o nosso grande Mestre da Faculdade de Di-

reito e querido amigo Francisco Campos acabára de realizar uma construcção gigantesca. Do seu exilio, V. a admirava maravilhosamente, sem sequer sonhar que V. mesmo é que haveria de vir pôr em funcionamento integral a grande machina. Quando aqui chegou, V. já conhecia os traços geraes daquillo em que ia empenhar a sua intelligencia, a sua cultura, o seu esforço. Todavia, a empresa era ainda maior do que V. suppunha, e, com ultrapassar as suas estimativas, não deixava de crescer assustadoramente, dia a dia. Bem verdade que V. era um professor. Isto, porém, não era bastante. Uma serie de problemas novos começava de apparecer, cujo trato lhe não era familiar, e cuja soluçáo tinha, quasi sempre, de ser immediata, porque já nascidos do contacto directo com o real, que não avisa e não dá prazos. E V. teve, em poucos mezes, de transformar-se num technico acabado de coisas de ensino — lendo, estudando, escrevendo, discursando, sem prejuizo dos irremediaveis expedientes burocraticos de seu cargo. O tempo para tudo isso V. tinha forçosamente de inventar-o... E assim V. soube impor-se fulminantemente — pela intelligencia, pela cultura, pelo raro sentido de iniciativa deante da urgencia e do emaranhamento do caso concreto, pelo sentimento de justiça e de dever, por esse milagre que é a sua capacidade de trabalho, a qual se foi desdobrando e multiplicando incrivelmente, á proporção que seus serviços augmentavam de vulto e de numero, e, sobretudo, pela sua inexcusada e inexcusable dedicaçáo á empreitada a que V. se deu com sua alma, com seu coração, com seu sangue vivo e verdadeiro.

Mercê de uma segura visáo das responsabilidades que pesavam sobre seu nome e sobre o credito de confiança que lhe fôra, desde logo, aberto, V. teve immediatamente a sabedoria e a coragem de não cifrar a sua acçáo ás exterioridades estereis da burocracia, para trabalhar de verdade, lado a lado, hombro a hombro, com os seus subordinados, e com elles confundido; para pôr-se em contacto permanente com a vida escolar e suas necessidades; para tudo vêr com seus proprios olhos; para annullar incompatibilidades e neutralizar dissídios; para collocar a letra e o espirito dos regulamentos em funcção da realidade, apainando, adaptando, aperfeiçoando; para dissipar duvidas, esclarecer espiritos, nortear culturas, acoroçoar vocações, galvanizar energias.

Força, entretanto, é convir em que não foram somente a sua dedicaçáo e a sua capacidade de trabalho que, em tão minguado espaço de tempo, realizaram tantas e tão v. liozas addições a seu aparelhamento cultural, operando, simul-

taneamente, essa mutação em suas tendências espirituaes, que se direccionavam antes para a contemplação e para o trabalho mental especulativo que para a acção, para o corpo — a corpo com o real.

Foi também, e em larga parte, a sua intelligencia superior, dotada de incommum poder de apprehensão, penetração e plasticidade — essa mesma intelligencia que assignalou a V. um realçado logar entre os intellectuaes da nova geração mineira e que, em dias distantes, já crepuscularmente ungidos de saudade, collocou V. em relevo em meio aos estudantes de mais relevo da nossa Faculdade.

De tudo isso, Mario Casasanta, sabe o professorado mineiro. Todas as virtuosidades de sua personalidade lhe são conhecidas e são delle amadas. Eis porque julgo não exorbitar do meu mandato, se disser a V. que, neste momento, me permitto não falar apenas ao Inspector Geral da Instrução, ao homem a quem se entregou a incumbencia assustadora de, do ponto de vista pratico, articular a reforma mineira com as realidades mineiras. Dirijo-me também, e com equal calor admirativo, ao intellectual — ao prosador tagoreano, que multiplicou sua alma numerosa em poemas que eram estados de espirito ineditos e indizíveis; que, ao sabor classico, escreveu paginas curiosissimas, e, em estylo moderno, traçou, a pinceladas de mestre, a ingenua figura biblica de Simão Pedro; ao poeta, que se notabilizou em versos assim pessoacs por seu aspecto technico e formal, como pela emoção contagiante de que palpitavam. E é bem curioso notar, neste passo, que é esse poeta, esse artista, esse sonhador (como os homens graves costumam desdenhosamente dizer), esse sonhador de todas as horas que havia de transformar-se, mais tarde, na vida publica, num dos mais suprehendentes homens de acção com que conta a administração do Estado. Bem certo que as reservas inexgotáveis de sonho e de ideal, que elle consigo sempre trouxe, eram outras tantas fontes de energias interiores, tocadas da graça de poderem transfigurar-se em potencia de acção agíl e energica, quanto transportadas para o campo objectivo das realizações pragmaticas. E não vai nisso nenhum mysterio. O gosto da acção, na formula seductora de Bernard Grasset, nada mais é que um dos aspectos da necessidade de crear. Ora, o artista é o creador por excellencia, é o demiurgo capaz de crear, por vezes, tanto na ordem ideal, como na ordem pratica.

Mario Casasanta. Os professores mineiros vieram trazer-lhe pela minha bocca a expressão authentica de seu re-

conhecimento, de seu respeito e de sua admiração, seguros de que o fazem a um dos melhores e mais nobres valores da nova geração mineira, e a um chefe que, pelo amor com que se vem consagrando, quotidianamente, á grande causa da nossa reforma — que é, hoje, a causa do nosso ensino — ligou seu nome a essa cruzada incomparavel, e bem merece ser havido, desde já, sem embargo de sua mocidade, como um dos benemeritos da campanha da instrução publica em Minas, e digno, portanto, do apreço e estima de todo o povo mineiro."

DISCURSO DE AGRADECIMENTO DO DR. MARIO CASASANTA, INSPECTOR GERAL DA INSTRUÇÃO

Meus senhores:

Difficilmente se pode explicar a homenagem que ora se me rende, ao lado dessa verdadeira apothose que a gratidão e a intelligencia mineira levantam em redor da alta figura de pensador e de homem publico, como offuscadamente se vem revelando ao paiz o sr. Francisco Campos.

Attribuo-a mais ao facto de ser um de seus mais directos auxiliares, em nossa organização educacional, e á generosidade de meus companheiros do que propriamente a qualquer motivo, porque o que tenho feito se tem reduzido apenas a auxiliar a pratica de principios traçados, com impecavel clareza, nesses dois authenticos codigos de pedagogia, que são os Regulamentos do ensino normal e primario.

Não quero reivindicar para mim outros titulos que não os de um mediador laborioso, entre os principios dos Regulamentos, as iniciativas, as direcções e os commandos do sr. Secretario do Interior — e o professorado mineiro, tão presto de intelligencia como bom de coração, que não foge systematicamente a novidades e que teve a virtude de apprehender com rapidez uma ordem de idéas inteiramente nova, por vezes radicalmente opposta a suas velhas idéas e habitas.

Essa tarefa, que poderia reputar-se impossivel, se o Secretario do Interior não tivesse a sciencia do programma de educação e não tivesse a consciencia de suas responsabilidades, essa tarefa, que recunharia por equal em fracasso, se o professorado fosse de todo em todo incapaz de se renovar, acha-se no meu caso bastantemente desempençada e facil.

Simple instrumento, no preciso significado vernaculo dessa palavra—de utensilio que serve para executar uma obra, a minha eficiencia estava em funcção de tes dois elementos capitaes: a intelligencia e o patriotismo de meus chefes e a intelligencia e o patriotismo do professorado.

Ora, uma simples analyse dos termos dessa equação mostra nitidamente que a minha missão tem sido por certo trabalhosa, mas grandemente facilitada, por outra parte, por extraordinarios factores de triumpho.

Em primeiro lugar, não seria de um presid nte da fibra de Antonio Carlos que derivar am difficuldades á realização do nosso grande plano de reforma, tendo tido elle a primazia nas aspirações e nos propositos de reformar inegralmente o nosso ensino e de erigir, consequentemente, um aparelhamento de instituições na altura de nossas necessidades.

Pelo contrario, é delle que constantemente tem partido a palavra da esperanza e da confiança, como delle é que nunca deixou de descer o amparo a todas as boas iniciativas e a todos os bons esforços no sentido de se resolver essa, que sendo o mais principal de nossos problemas, vem constituindo a preocupação principalissima de seu fecundo quatriennio.

Respeito ao sr. Francisco Campos, cuja vida se impõe como exemplo a todos quantos aspiram a triumphar, trilhando naquella «via direita» de que fala Camões, porque a sua carreira se vem construindo não á força de estratagemas felizes ou de expedientes mais ou menos habeis, mas graças a uma notabilissima intelligencia, cultivada á custa de largos e pesados estudos,—bastaria afirmar que concebeu e traçou o plano completo da reforma do ensino normal e primario, que se contém em nossos regulamentos, para recommendal-o definitivamente ao apreço dos cidadãos bem intencionados e á consideração de quantos entendem de educação.

E' aqui o ponto de recordar que, tendo traçado esses dois regulamentos, o sr. Francisco Campos nunca se descurou de sua realização, maior ainda se revelou como realizador a todos que lhe acompanham a actividade e que, muito no entanto, ainda no meio das mais absorventes preocupações, que neste momento empolgam a consciencia de todos os bons montanhezes, sempre reservou para a sua obra, que é hoje a obra de todos nós, o melhor dos seus esforços como o melhor do seu carinho.

Longe de perturbar a realização de sua reforma, o que não seria de espantar num paiz em que os estadistas não se for-

mam, através de um acurado tirocinio, mas improvisam-se ou nascem feitos, trazendo desde as fixas do berço a visão e a solução de todos os problemas—o sr. Francisco Campos tem sido a peça mestra do nosso aparelhamento, tudo tendo feito para vel-o em completa execução.

Mais ainda: não tem prejudicado o andamento dos trabalhos, por um mal entendido amor de auctor dos regulamentos, não se atem obstinadamente a todas as de erminações dos regulamentos, mas escuta a todas as suggestões intelligentes, atende a todas as reclamações razoaveis e procura conhecer as criticas que se lhe fazem, corrige-os a luz dos ensinamentos da experiencia e deseja renoval-os dia a dia, para que melhor exprimam as correntes pedagogicas do momento e melhor satisficam ás exigencias de nossa realidade.

Grande pensador, grande jurista, grande politico, grande realizador, elle se impõe, antes de tudo, como um grande mineiro, com a perspicaz visão das nossas necessidades, tendo intelligencia bastante para situar bem os problemas e o desassombro preciso para os defrontar.

Em plena communhão de propositos e de aspirações com o presidente Antonio Carlos, deante das necessidades de Minas e de seu papel nos destinos da nacionalidade, viu que a educação é o fundamento de toda a nossa organização politica e economica, como foi de todos os paizes do mundo, e propõe para a sua solução—uma larga e arrojada traça, que hoje ou amanhã terá que ser seguida, ponto por ponto, por todos aquelles estadistas de verdade que levarem a serio a coisa publica.

Mas tem-se dito: traçar regulamentos—é facil. Cumpril-os é que é difficil.

E não se pode dizer, no tocante á actual reforma, ineptia mais rematada. Antes de tudo, se traçar regulamentos é facil, traçar regulamentos notaveis, que condensem o que ha de melhor no assumpto e que afeicem esse melhor ás condições do nosso meio, não tem sido coisa commum em nosso paiz. Ao contrario, a nossa legislação se tem caracterizado pelo arremedo servil de construcções alienigenas ou, se original, pelo descompassado e pelo absurdo de suas linhas.

Depois, é necessario ver que não se traçaram entre nós apenas regulamentos, mas se têm realizado e cumprido, e se cumprir e realizar é difficil, assiste-nos ainda a virtude de vencer o difficil, motivo a mais para os applausos dos que assim pensam.

E que se têm cumprido os regulamentos não ha entre nós quem de boa fé possa duvidar. A reforma ahi está, á vista de todos os olhos, em plena actividade e em vias de completa execução. O ensino normal, inteiramente transformado na sua orientação e na sua estrutura, é ministrado por uma duzia a mais de escolas normaes officiaes, localizadas nas zonas mais diversas de Minas.

As escolas primarias cujo melhoramento se aguardava para daqui ha annos, com a formação de novos professores, constituiram para todos nós uma verdadeira revelação: os novos methodos estão dando resultados excellentes, muito meliores do que as da antiga organização, em todas as escolas em que têm sido applicados, com cuidado.

Os mestres estudam, a disciplina vae-se abrandando, a escola socializa-se e cada dia se vão os nossos professores reintegrando na posição de relevo que lhes compete na economia social das terras civilizadas.

Entretanto, se alguma duvida pudesse ainda pairar em espiritos mais obcecados, convidal-os iam a visitar a Escola de Aperfeiçoamento, onde trabalham, numa admiravel colmeia, professores recrutados de todos os recantos do Estado e que hão de ser amanhã os nossos technicos de ensino, aquelles de quem se pode dizer, sem exaggero, que vão mudar o itinerario da nossa civilização.

Por certo que os regulamentos vieram sobrecarregar os nossos professores, com a preparação escripta das lições, com as reuniões periodicas do corpo docente, com as conferencias pedagogicas, com os planos de excursão, com os cursos intensivos, com o dia de leitura, com a obrigação indeclinavel de estudar os novos methodos e processos e com a introdução de varias actividades extra-curriculum, entre as quaes notadamente se distinguem os clubs e o auditorium.

Mas que ha de odioso nessa sobrecarga de trabalho e de exigencia? O que, sobretudo, se visa, através della e por intermedio della, é o alevantamento do nivel intellectual e moral do professorado, a preocupação do aperfeiçoamento individual, o enriquecimento da sua cultura, e, consequentemente, o seu mais facil triumpho na vida.

Mas que especie de tyrannia e de escravidão é essa que, constrengendo os homens a trabalhar, lhes levanta o espirito para as mais elevadas aspirações, abre oportunidades de progresso e incute a ansia de caminhar para a victoria, que é a

perfeição, pelos caminhos mais rectos e honestos, que são os do trabalho e do esforço honrado?

Tal escravidão que leva a independencia do espirito, pelo estudo, e á independencia economica, pela cultura, é antes a abolição das abolições, porque abrange, em toda a sua extensão, a liberdade e a independencia dos homens.

Demais, não se comprehende que o elemento renovador por excellencia que é o mestre-escola—se conserve estagnado e immobilizado em typos eternos e rigidos, como a esphinge de pedra deante do desfile da civilização. Para ser um bom mestre é necessario que o mestre se torne melhor cada momento de sua vida, que cresça moralmente e quotidianamente aos olhos de seus alumnos e que aprenda, a todo momento, para melhor ensinar, refazendo em si proprio e perpetuamente—as etapas da aprendizagem.

Assim o têm comprehendido os nossos mestres e tudo temos conseguido. A tal ponto que, dentro em breve, é de crer que já se não depare, entre nós, o paradoxo maravilhoso antigamente tão vulgar: os mestres divorciados dos livros...

E' certo que não se puzeram, sem difficuldades, certas medidas dos Regulamentos, mas não é menos certo que vão longe as antipathias gratuitas, as forças da inercia, os cacarejos da inveja, os bramos da indolencia aggredda e as frialdades da indifferença.

Pode ser que haja quem divise tyrannia na preocupação tão claramente e tão sinceramente revelada de melhor aparelhar os nossos educadores para essa noble tarefa. Eganam-se. Os nossos melhores professores, os que levaram a vida a educar de verdade as crianças, com todo o seu coração, com todo o seu espirito e com todas as suas forças, como se diz no Evangelho, esses ahi estão de pé, nas primeiras trincheiras da reforma, muitos delles de cabelos brancos como bravos veteranos da campanha de João Pinheiro, a ministrar á mocidade uma impressionante lição de idealismo e de pureza.

Quem ainda murmurar neste momento de excepcional vibração das e-colas mineiras, quando o sol já vae alto, dá a impressão daquelle homem de Theophrastus, que, indo ao theatro, adormece, e, quando acorda, estremealha e tem a surpresa de se ver só. E' rever o velho Theophrastus, nos «Caraceres Moraes», no capitulo «Da Estupidez»...

Sim! A reforma foi magnificamente concebida e traçada. A reforma está sendo integralmente realizada. A reforma venceu atritos naturais a todas as reformas, desagradou, magoou, descontentou. Mas venceu. Todos os bons professores apprehendem-lhe o espirito, estudam os processos recomendados e batem-se vivamente pela sua realização.

Os que adormeceram durante essa coruscante batalha de idealismo não assistiram ao espectáculo deslumbrante de adaptação, de actividade, de renovação, como o bom homem de Theophrastus perdeu uma bella noite de Sophocles ou de Aristophanes. Não viram que, logo após das primeiras horas de aturdimento, o nosso professorado sobre despir-se dos velhos habitos e vae se encaminhando, com desassombro, sob novas directrizes.

Os que adormeceram não souberam apreciar essas horas tão significativas para a vida da nossa terra.

Porque adormeceram? Porque fecharam os olhos? Tomou-os o somno, como aos companheiros de Jesus, na solidão mais dramática da historia, ou os olhos não supportaram a claridade das victorias alheias?

Não se sabe. O que se sabe é que ficaram sós, como o bom homem do theatro, sós consigo, com o seu azedume, com o seu vinagre, com o seu rancor, com a sua inveja.

Mas o facto de haver quem não tenha assistido a esse nobre esforço pela nossa civilização, e por isso mesmo, o facto de haver quem queira negar o que se faz á vista de todos e sem critica procedente e avisada de quem quer que seja—não impede que nós tenhamos caminhado bastante e caminhado de tal maneira que arrancamos applausos de todos os technicos de merito que para aqui têm vindo, de grande numero de Estados do Brasil, ao ruido de nossas realizações.

Quero deixar aqui consignado o meu testemunho pessoal de que tudo quanto foi possível fazer para a construção do mais completo aparelhamento de ensino, em nosso paiz, foi realmente feito, e que o sr. Antonio Carlos e o sr. Francisco Campos, com esse notavel esforço, fizeram jus á eterna gratidão dos mineiros, que amam o Brasil, porque nelle está Minas, e amam mais Minas, por fazer parte do Brasil.

Meu querido Abgar Renault.

Não traduziste bem o pensamento de teus committentes e mais uma vez comprovasse que a traducção é uma traição.

Porque no recado que te encarregaram de trazer-me puzeste quasi tudo de ti proprio. Porque incumbido de interpretar o pensamento dos mestres, trouxeste o teu proprio pensamento, evidentemente suspeito pela nossa fraternidade. Porque, prestando uma homenagem a este ultimo anno de minha actividade, mergulhaste na sombra do passado e, como um preclaro creador de bellezas, transformaste em lances bellos e nobres os episodios de uma vida simples e obscura. Porque, á maneira dos artistas, que compõem uma fina obra de arte de um trecho rustico de paizagem, doiraste e transfiguraste o quadro de minha vida, de feito a tornar-o irreconhecivel a meus proprios olhos. Tão certa é a sentença do "Sermão da Montanha" de que o homem bom tira o bem do bom thesouro de seu coração...

Podes dizer a nossos amigos que eu recebi, com emoção, mais essa demonstração de seu carinho, e que não a tomei como acto de justiça, senão a tomei como acto de grande generosidade. Que recebi como uma palavra de alento, muito para me estimular e encorajar, a palavra que tu trouxeste. E que continuo a confiar, mais do que nunca e cada vez mais, na pureza, na elevação, na intelligencia e no patriotismo dos heroicos mestres de Minas Gerass."

semos, que as crianças alvitrem as filas. Mas que diferença entre uma e outra situação!

Para alvitrar e aceitar a disposição em filas, a criança pensará por proposta do mestre, olhará para o problema, aventará sugestão, pesará o pró e o contra e escolherá a que melhor lhe parecer, assumindo, de algum modo, a *responsabilidade* de agir da maneira por elle aventada e escolhida.

EM FILA OU SEM FILA?

A "REVISTA" perguntou se os alumnos devêm ordenar-se em filas para a saída ou entrada das aulas, e das respostas recebidas vê-se que todos, menos tres, pensam que a fila não tem razão de ser.

Razões que se expenderam para a formação de filas: disciplina, silencio, habitos de ordem, economia de tempo, facilidade de vigilancia.

Razões contrarias á formação das filas: na vida commum, não se anda em filas. Quem anda em filas é o exercito, mas a disciplina militar é justamente a menos recommendada para a educação de nossas crianças. A escola offerece, na saída ou na entrada das aulas, mais uma excellente oportunidade para que os alumnos pratiquem a cortezia, o cavalherismo, a moderação, a prudencia, a intelligencia.

De todas essas razões e de outras que o leitor deprehen-derá dos trabalhos que publicaremos por extenso, tiramos estas conclusões:

O professor deve propor aos alumnos o problema: como podem vocês sair da sala, em menor espaço de tempo, sem se ma-guarem? Alvitrarão diferentes processos e devem-se realizal-os, de modo que vejam as conveniencias e as inconveniencias. E' mesmo de esperar que concluam pela saída em fi-las, por apparentar mais ordem e poupar tempo.

Mas dirão que se perde tempo. Ao que responderemos que, em primeiro lugar, como ensina Rousseau, o importante na educação é mais perder tempo do que ganhá-lo, e, em segundo lugar, trata-se de uma aula, como as outras, ou muito melhor mesmo do que as outras.

Afinal: o que o professor deve evitar é a disciplina imposta, a que vai de fóra para dentro, do mestre para o alumno. A disciplina fecunda é a que vai de dentro para fóra. Sae da criança e é aceita pelo mestre. Pode ser, como dis-

RECAPITULAÇÕES E REVISÕES

E' preciso não confundir *recapitular* com *repetir*. Fazer com que os alumnos revejam um ponto dado, da mesma maneira por que o aprenderam, pela primeira vez, palavra por palavra e acto por acto, não é recapitular — é repetir.

A repetição é desinteressante e infecunda. Não tendo a lição o ar de novidade da primeira vez, chega a enfasiar os alumnos.

Por outro lado, é necessario recapitular, invocar os conhecimentos antigos, combinal-os, comparal-os, ligal-os, entre si, classifical-os, ordenal-os melhor e juntal-os tambem aos novos. Muitas noções erradas ou mal adquiridas se podem rectificar. Outras se podem completar, mercê de novas acqisições.

QUANDO

Devem ser feitas frequentemente e feitas como qualquer lição, isto é, depois de largo e cuidadoso preparo. Alguns professores fazem semanalmente, outros mensalmente. Outros fazem revisões semanaes, mensaes, trimestraes e semestraes. Outros, finalmente, antes de começarem uma lição, recapitulam os conhecimentos anteriores para casal-os aos novos.

Como

Como fazer recapitulações? Apresentando a materia sob uma forma nova. Insistimos: não se trata de uma repetição. Eis a lição de excellente pedagogo:

“Suponhamos que os alumnos estudaram já um certo numero de plantas e os modos de reproducção de cada uma dellas. Será uma recapitulação má aquella que consistir em de-crerer exactamente e precisamente cada uma das plantas, talcomo o fizeram anteriormente. A recapitulação será inte-

teressante e productiva se com as noções adquiridas e as observações realizadas o alumno fizer um estudo de conjuncto, por exemplo classificando as plantas estudadas em annuaes, diannuaes e vivazes, indicando as differenças e as semelhanças que existem entre os que estudou, descrevendo e comparando os diferentes modos naturaes e artificiaes da reproducção.”

Outra lição e de outro excellente professor:

“A revisão bem entendida não consiste somente em revêr no caderno ou no livro, sob a mesma forma, o que já foi visto. Por exemplo, convidando o alumno a effectuar uma viagem de estrada de ferro da estação mais proxima de sua aldeia a Toulon ou a Bayonne—forçamol o a revêr, de modo intelligente e reflectido, as lições que se deram sobre a rede ferroviaria franceza”.

OS NOSSOS CONCURSOS

A direcção da "Revista do Ensino", dando cumprimento ao seu programma de mobilização das forças intellectuaes do magisterio mineiro, instituiu, em tempo, tres novos concursos, convidando os nossos professores primarios a disputarem os seus premios, constantes de obras pedagogicas de real valor.

Esses concursos diziam respeito a:

1.º — Devem-se dispor os alumnos em filas, para que saiam em ordem da classe? Dar as causas da affirmação ou negação. (Premios aos auctores das duas melhores respostas).

2.º — Fazeis recapitulações e revisões em vossa classe?

Em caso affirmativo — porque, quando, como e para que materias? (Premios aos auctores das duas melhores respostas).

3.º — Aulas-modelo sobre qualquer ponto das disciplinas do programma primario. (Premios aos auctores dos tres melhores trabalhos).

Encerrado, em 30 de novembro, o prazo para recebimento das respostas, apurou-se que haviam concorrido os seguintes professores:

1.º concurso — Maria de Lourdes Teixeira, Divinópolis; Regino Lima, Ypiranga; Josephina Augusta dos Santos, Santo Antonio do Rio Abaixo; José Luiz de Mesquita, Lavras; Abigail Josephina Vieira, Queluz; Francisco Letro Silva Castro, Antonio Dias; Pedro Juvencio de Souza, Carmo da Cachoeira; Aurora Lambert, Cambuhy; Paulina Rigotti, Machado; Maria Auxiliadora C. de Paula, Lagoa Santa; Maria Julia Sandy Cabral, S. Sebastião da Bella Vista; Carmen Cardoso, Campo Bello; Antonia Rosa de Lacerda Oliveira, Santa Barbara; Geraldino de Barros, Ponte Nova; Waldemar Prado, Carmo do Rio Claro; Almedorina Santos Silva, Bello Horizonte; Francisco Ribeiro de Anchieta, Andradas; Elza Ferraz Koeler, Capivary; Arabella Guimarães Calaça, Janua-

ria; Lindolpho Gonçalves, Serra do Salitre; Maria da Gloria Queiroz de Magalhães, Socego.

2.º concurso — José Luiz de Mesquita; Luiza Marques de Alencar, Tição; Abigail Josephina Vieira; Julia Silveira Martins e Irany da Silva Freitas, Ubá; Maria Moreira Leite, Santo Antonio do Grama; Jeanne Alice Mayer de Andrade, Caxambú; Francisco Letro Silva Castro; Pedro Juvencio de Souza; Corina Amalia da Silva Dias, Machado; Juventina Drummond Fonseca, Alvinópolis; Maria da Gloria Queiroz de Magalhães; Elza Ferraz Koeler; Lindolpho Gonçalves; Josephina Augusta dos Santos.

3.º concurso — Nair Esteves Guedes, Thephilo Ottoni; Emilia Cerdeira, Varzea do Felicissimo (Bello Horizonte); Regino Lima; Anna Lima de Jesus Araujo, Mesquita; Abigail Josephina Vieira; Maria das Mercês Souza Lima, Minerva (Mar de Hespanha); Josephina Augusta dos Santos; O. Netto, S. Sebastião do Gil (Entre Rios); Elvira Gori, Ubá; Maria Julia Sandy Cabral; Maria do Céu Gomes, Juiz de Fora; Nair Starling, Lagôa Santa; Maria da Gloria Ferreira da Silva; Marieta de Araujo, Palmyra; Juventina Simões de Castro, Estiva (Conceição); Aristotelina Dias Ribeiro, Ponso Alegre; Maria José Domingos, Machado; Lindolpho Gonçalves; Risoleta Xavier do Carmo, S. José da Vargem Alegre; Silveria; Homem da Costa, Palmvra.

— Depois de passar em exame a unanimidade; dos trabalhos enviados a concurso, entendeu a commissão julgadora dos certamens da "Revista do Ensino" estabelecer a seguinte classificação, para effeito de premio:

1.º concurso — 1.º lugar, d. Maria Auxiliadora C. de Paula, professora do grupo escolar de Lagôa Santa; 2.º lugar, d. Maria de Lourdes Teixeira, professora do grupo escolar de Divinópolis.

2.º concurso — 1.º lugar, d. Maria Moreira Leite, professora da 1.ª escola de Santo Antonio do Grama; (Rio Casca); 2.º lugar, d. Maria da Gloria Ferreira da Silva, professora do grupo escolar de Palmyra.

3.º concurso — 1.º lugar, d. Maria do Céu Gomes, professora da Jardim da Infancia de Juiz de Fora; 2.º lugar, d. Nair Esteves Guedes, estagiaria do grupo escolar de Thephilo Ottoni; 3.º lugar, d. Nair Starling, professora do grupo escolar de Lagôa Santa.

— A direcção da "Revista do Ensino" resolveu, ainda, sortear vinte premios constantes de lotes de livros pedagogi-

cos de valor, entre os professores publicos primarios do Estado, que disputarem *todos* os concursos por ella instituidos, a começar dos tres ora annunciados e a terminar em 31 de julho de 1930.

TRABALHOS PREMIADOS

DISPOSIÇÃO DOS ALUNOS EM FILAS

Devem-se dispôr os alumnos em filas para que saiam em ordem da classe?

Segundo Gurlitt e varios outros educadores, o fim pratico da escola é preparar o individuo para a vida na sociedade.

A escola não pode ser uma preparação para a vida social, senão quando forem trazidas para o seu ambiente as condições typicas dessa mesma vida.

«A escola deve, pois, ser uma sociedade em miniatura». Tudo que a criança faz na escola, deve ter estreita relação com a vida social, a vida real. Devemos trazer, então, para o ambiente escolar, apenas aquillo de que a criança irá necessitar na sociedade, na vida pratica.

Nada de coisas superfluas, nada de artificios.

E, assim sendo, para que vamos dispôr, na escola, as crianças em fila, para que entrem e saiam da classe? Ellas vão ter necessidade disto, na pratica? Ellas saem da igreja, do cinema, do theatro, em fila?

A professora, ao formar na criança um habito, ao lhe dar um conhecimento, deve visar o seu fim pratico.

Em vez de cultivarmos o habito de andar em fila, ensinamos, antes, como a criança deve proceder quando anda em logares onde ha muita gente, como sahir da escola, no meio de suas companheiras e, então, não presenciaremos mais, á sahida dos cinemas, etc., crianças que nas nossas escolas são consideradas polidas, empurrarem suas companheiras, os velhos e até mesmo suas professoras.

Em vez de cultivarmos um habito que tem de ser eliminado, formemos o que terá de permanecer com vantagem na vida, agora e no futuro.

MARIA AUXILIADORA C. DE PAULA

Cheguei á conclusão de que as nossas escolas adoptam a disciplina formal, exigindo que os alumnos entrem e saiam da sala de aula em ordem de dois a dois, e que se conservem de braços cruzados durante o tempo em que permanecem em aula; isto era permitido, porque a escola vivava mais instruir o alumno do que educal-o, porém, disciplinando-o assim, perturbava bastante o seu desenvolvimento physico.

Não quero desmerecer o bem que a escola, mesmo assim, espalhou na sociedade; reconheço o trabalho valioso que os denodados professores têm executado; considero-os verdadeiros abnegados, porém, como tudo evolue, torna-se inadivavel que a nossa escola tambem se ponha em marcha e a passos agigantados, em busca da perfeição.

Qual o papel que compete á nova escola, a dos nossos dias?

E' de preparar cidadãos capazes de, por sua propria iniciativa, resolver os problemas [que lhes surgirem na vida pratica, o que quer dizer: preparal-os para a sociedade presente.

Se vamos ensinar arithmetica baseando-nos nos problemas reaes; se vamos ministrar as nossas lições visando um fim pratico e immediato, porque então manter em nossas classes a disciplina formal, obrigando e exigindo que as crianças entrem e saiam da sala de aula aos pares?

Não concordo com esta disciplina, visto que, fóra da escola, na sociedade, ellas jamais terão opporrtunidade de andar assim. Adoptarei antes o criterio de deixal-as entrar em ordem natural, permitindo que cada uma se responsabilize por si mesma, sem se preoccupar com a symetria formal de dois a dois que seria um jugo e uma restricção de iniciativa, talvez. Este modo de agir não implica desordem, como poderá algum objectar, se os alumnos se habituarem desde a primeiro dia de aula, a este regimen. Antes, favorecerá a or-

dem pela necessidade della, tornando-a a cargo da iniciativa pessoal e do sentimento de responsabilidade de cada um, que assim se estimulará. Em passeios ou festas, em qualquer aglomeração, as crianças saberão se conduzir, ao passo que as educadas na pratica da disciplina formal, de braços cruzados, sem poder separar-se do collega, uma vez em liberdade, se desnortearão, empurrarão os que lhes impedirem o caminho, para dar pasto á sua ancia de liberdade, aproveitando a occasião. O fracasso da disciplina, neste ultimo caso, é certo.

Felizmente, o ideal do professorado é remodelar a escola brasileira, tomando por norma a escola activa adoptada nos paizes mais evoluídos; isto me faz crêr que em curto tempo a criança brasileira estará apta para viver em qualquer meio social, sem necessitar da disciplina formal, entregue apenas á disciplina de sua liberdade e de sua responsabilidade, formadas e construídas na escola moderna.

MARIA DE LOURDES TEIXEIRA

RECAPITULAÇÕES E REVISÕES

*Fazets recapitulações e revisões em vossa classe?
Em caso affirmativo — porque, quando, como e para
que materias?*

É indispensavel fazer recapitulações e revisões nas seguintes materias do curso primario: geographia, historia e noções de coisas, porque são estas as materias constituidas de factos destacados, não obstante terem, muitos d'elle, relativa e até bastante ligação, ao passo que, na mathematica e na lingua materna, os factos são successivos e estão presos uns aos outros, de maneira que as novas lições, gradativamente ministradas, provocam revisões permanentes, que que si auferem as recapitulações que por ventura se tornem myster. Por isso mesmo, nunca em minha classe occupé aula neste sentido com as materias que venho mencionar.

A geographia, sim — esta materia merece todo o meu cuidado, para que os alumnos, cada dia mais surpreendi-

dos e interessados com as novas lições, não se esqueçam das anteriores, e por isto não perco oportunidade de perscrutar se elles se recordam da população do Amazonas, quando muito propositalmente lhes fiz observar que aquelle Estado não é o mais adiantado do Brasil, apesar de ser o mais extenso. A objecção é natural e, consequentemente, o raciocinio e o interesse da classe. Fiz a revisão sem os alumnos perceberem e surge a recapitulação sem o enfado que lhe é peculiar, quando não applicada com espontaneidade ou previo estímulo. Também os parallellos, confrontos e contrastes são optimos meios de recapitular disfarçadamente, pois considero que as revisões e as recapitulações não devem ser feitas em aulas especiaes; antes, o alumno não deve perceber que está de novo estudando uma lição que já estudou, nem o professor perder grande parte de seu tempo, voltando a insistir num mesmo ponto que talvez anteriormente lhe tenha tomado uma semana inteira, ou até mais.

Em hypothese alguma admitto o velho costume rotineiro de se chegar ao fim e voltar ao principio para recordar. É uma medida prejudicial á propria formação do caracter das crianças, habituando-as a fazerem mal as coisas, enfraquecendo-lhes a força de querer e predispondo-as á volubilidade.

É muito precisa a divisa do grande Rio Branco: Não parar, não retroceder, não precipitar!

Tambem em historia do Brasil e em noções de coisas, adopto os mesmos processos, já relatados, empregando toda perspicacia nas revisões continuas e preenchendo as lacunas com a devida precisão e cuidado.

Quanto á instrução moral e civica e á hygiene, estas são materias cujo conhecimento por parte dos alumnos se revela nas suas proprias acções, resultando destas a oportunidade de fazer-se a recapitulação: admoestando, exaltando ou aconselhando.

MARIA MOREIRA LEITE

1.º Sim.

2.º Porque a repetição é necessaria para a fixação de conhecimentos no cerebro infantil, porque a repetição é um dos meios de educar a memoria; porque a revisão facilita

o meu trabalho, fazendo-me conhecer o gráu de adiantamento de meus alumnos.

3.º A's vezes eventualmente, ás vezes dentro de determinado praso, porém sempre frequentemente, para que á força de *ver, ouvir e fazer*, aprendam os alumnos a deduzir.

4.º Sob fórmas variadas, simples, attrahentes, de modo que ás idéas já conhecidas se associem as novas.

A pratica da escola activa favorece de maneira extraordinaria o trabalho de recapitulação e revisão. E' no decorrer da lição que interessa aos alumnos; que proponho, dentro do mesmo thema ou assumpto, um novo trabalho, no qual possam demonstrar o que auferiram do ensino ministrado.

Noto que o interesse augmenta e cada qual procura com o seu proprio esforço, apresentar-me um bom resultado nas suas composições, nos desenhos espontaneos, na escolha de specimens e gravuras para quadros educativos, nos exercicios cartographicos, nas dramatizações, nos jogos educativos, nos trabalhos de modelagem, nos concursos propostos, etc.

Esses trabalhos, colleccionados pelos alumnos, conservam o enthusiasmo e o interesse pelas lições do inicio ao fim do anno lectivo, favorecendo, como já disse, o trabalho de revisão, afastado o cansaço, fugindo á rotina.

5.º Faço recapitulação e revisão de todas as materias especialmente das basicas, porque, sendo essas que favo, recem e ajudam o desenvolvimento das outras, merecem maior cuidado e trato mais desenvolvido.

MARIA DA GLORIA FERREIRA DA SILVA

AULAS-MODELO

CENTRO DE INTERESSE: A BANDEIRA

(Para diversas aulas, em jardins da infancia)

OBSERVAÇÃO — Mostrar aos alumnos varias bandeirinhas de côres diferentes.

Fazer com que ellas as distingam pelas côres.
Mostrar-lhes a bandeira nacional (a bandeira do Brasil).

DESCRIPÇÃO — Vista — tacto — fórma — tamanho — peso — materia.

COMPARAÇÕES — A bandeira é feita de...
 • " é leve como...
 • " parece uma...
 • " tem a fórma da...
 • " é li-a como...
 • " dobrada faz...
 • " de papel, ao vento, faz...
 O campo da bandeira parece...
 O losngo da bandeira parece...
 A esphera (a bola) da bandeira parece...
 O campo da bandeira é (côr)...
 O losngo da bandeira é (côr)...
 A bola da bandeira é (côr)...
 Verde como?
 Amarello como?
 Azul como?
 A bandeira tem um céu (a esphera)
 O céu á noite tem...e o da bandeira?
 Contar as estrellas da bandeira.

ASSOCIAÇÃO — Logares onde se costuma ver a bandeira.

Em que dias apparece hasteada (explicar o que é haste-mastro).
 Em que parte dos edificios a vemos.
 Bandeirolas das nações (mostrar algumas). Bandeirolas de enfeite.
 Cada sociedade, como as carnavalescas, cada irmandade religiosa, cada collegio tem uma bandeira. Os batalhões militares e os navios levam a bandeira nacional.
 Porta-bandeira. Bandeira a meio-pau.
 Luto.
 Mostrar gravuras com prestitos levando bandeira.
 Um navio com bandeira.
 Um edificio com bandeira.

EXPRESSÃO ABSTRACTA—Ler, no quadro negro, as frases:

Viva a bandeira
A bandeira tem tres côres.
A bandeira é verde.
A bandeira é amarella.
A bandeira é azul.

EXPRESSÃO CONCRETA—Os alumnos desenharão, em papel, pequenas bandeiras. Recortá-las-hão.

Distribuir pelos alumnos cartões (fichas) com as frases, para que ellas as leiam e as colloquem ao lado da bandeira correspondente (no quadro negro). Trocar os cartões e os desenhos entre os alumnos, para que os distinguam e leiam as frases correspondentes aos «croquis».

Desenhar a bandeira nacional, em ponto grande. Escrever a phrase:
Viva a bandeira nacional!

CALCULO — Contar as 3 côres da Bandeira e representá-las I I I (côres).

Contar as letras da inscripção "Ordem e progresso": IIIIIIIIIIIII II.

Contar as 21 estrellas da bandeira, sendo uma maior, e representá-las por meio de bolinhas, em ordem de dezenas.

.

SUBSIDIOS — Falar nas bandeiras das portas e das janellas.

Mostrar uma gravura representando um tamanduá-bandeira.

Outro com a bandeira do Divino Espírito Santo.

BRINQUEDO DAS BANDEIRAS — Distribuir bandeirinhas de papel de diversas côres com as crianças, que formarão roda, cantando e farfahando as bandeiras.

Em cada intervallo a profes ora mandará queo alumno que tem a bandeira

verde a mostre; que a levarte o que tem a azul e assim por deante. Cantarão a seguinte quadrinha, dansando:

«O convento pegou fogo,
Os sinos deram signal..
Acode! meu povo! Acode!

A bandeira nacional.

A dansa termina ficando ao centro as crianças que representam as côres da bandeira nacional.

Adivinha:

Que é, que é?
Teve c'roa, já não tem,
Tem estrellas, céu encerra,
Campo verde, sol de ouro,
Representa nossa terra?

TRABALHOS MANUAES—Apresentar a classe as partes da bandeira recortada, para que os alumnos armem esta.

As crianças farão barquinhos de papel, com a bandeira nacional á proa. Armarão casinhas, collocando a bandeira á fachada.

MARIA DO CÉO GOMES

A ARVORE

1.º anno primario)

Professora — Antes de iniciar a nossa aula, quero saber qual de vocês é capaz de me dizer para que esta festa que fazemos hoje, 21 de Setembro.

P. — Diga, Ismenia.

Alumna — Esta festa é para a arvore.

P. — Muito bem. E você acha que a arvore mereça esta festa?

A. — Merece, porque ella nos é muito util.

P. — Nonito, será capaz de me apontar alguma utilidade da arvore?

A. — E' da arvore que se tiram: a madeira, tão util, as folhas, para se fazer chá, para se comer; as flores para enfeitar as casas; os frutos, que tanto apreciamos, etc.

P. — E além destas ha muitas outras utilidades que vocês depois saberão. Aqui trouxe, para lhes mostrar, uma arvore em miniatura, isto é, em ponto pequeno.

Observando esta planta, vemos que ella é formada de varias partes.

Quem sabe o nome desta? (mostra a raiz) Diga, Rachel.

A. — Esta parte é a raiz.

P. — E para que serve a raiz, Herman?

A. — Para segurar a planta á terra.

P. — Sim; e tambem para tirar da terra os alimentos necessarios á planta. Então uma planta sem raiz poderia viver, Murillo?

A. — Não senhora, ella morreria de fome.

P. — Ha plantas que vivem sem raizes, mas, só aquellas que já nascem desprovidas dellas. — Ha outras plantas que vivem na agua, e tiram dahi os seus alimentos. Outras vivem sobre o rochedo, nunca viram?

A. — Eu já vi, minha mestra.

P. — Quando foi isso, Celso?

A. — Quando vinhamos de Marambaia para aqui.

P. — Estas plantas tiram os alimentos que lhes são necessarios, do ar que as cercam, e não do rochedo, o que seria impossivel. Ha umas plantas muito interessantes, que vivem sobre outras; chamam-se parasitas, como a herva de passarinho. Todas as parasitas são nocivas ás arvores, devendo ser destruidas; algumas são, entretanto cultivadas com cuidado, porque dão lindas flores. Bem, passemos a essa parte que vem em seguida á raiz.

Como se chama ella, Ceres? Não sabe? Chama-se caule; e quando é muito grossa, recebe o nome de tronco. Diga, agora.

A. — Chama-se caule, e quando é muito grossa recebe o nome de tronco.

P. — O caule se divide em galhos e serve para sustentar as folhas, as flores e os frutos. Venha aqui, Lucy, mostrar todas as partes da arvore, dizendo os seus nomes.

A. — Esta parte é a raiz e esta é o caule; aqui temos as folhas, que são verdes; as flores e os fructos.

P. — Mas, como tivemos occasião de observar em nossa ultima excursão ao jardim, ha folhas de outras côres.

Aqui trouxe para lhes mostrar as folhas da mangueira, que a principio são vermelhas, tornando-se depois esverdeadas e ficando afinal completamente verdes (mostra as folhas).

Qual é a mais bella parte da arvore, Lister?

A. — E' a flor

P. — E como se chama o logar onde são cultivadas as flores, Wanda?

A. — Chama-se jardim.

P. — E onde são cultivadas as arvores fructíferas, isto é, as que dão fructos, Sattut?

A. — No pomar.

P. — Você conhece algum jardim, Yo'anda?

A. — Conheço sim, em casa de vóvó. Nesse jardim ha lindas flores: margaridas, cravos, rosas, sempre-vivas, cravina-, violetas, etc.

E lá ha tambem um pomar com muitas especies de fructas, como: laranjas, mangas, limas, jaboticabas, uvas, abios, abacates, jambos, etc.

P. — Muito bem. Por hoje, está terminada a nossa lição sobre a arvore.

NAIR ESTEVES GUEDES

BELLO HORIZONTE

(AULA DE GEOGRAPHIA)

A cidade de Bello Horizonte, como qualquer outra, pode ser facil e intelligentemente estudada. O que se observa, entretanto, é que as crianças têm em seus cadernos notas a respeito do historico, população, praças principaes, etc, e que papagueiam mais ou menos estas notas, não se interessando mais pela lição.

Dizem, muitas vezes, como já tenho ouvido: O ponto *Bello Horizonte* é difficil e *enjoado*, eu custei a aprender. Ora, nada é mais facil do que orientar as crianças no estudo de uma cidade. E' preciso apenas que se lhes ensine, antes, a observar — é preciso que se faça nascer na creança o espirito de observação e de critica.

Eis o plano:

Ao entrar a professora em classe, distribuirá ás crianças pedaços de papel, pedindo-lhes que escrevam o nome da rua e o numero da casa em que moram, não se esquecendo das respectivas assignaturas.

De posse dos endereços, a professora abrirá alguns ao acaso. Supponhamos que nos papeis tirados por sorte estivesse escripto: Mario — Rua Tupynambás, 520; Alberto — Rua S. Paulo, 342; Carlos — Avenida Affonso Penna, 100; José — Praça da Liberdade, 77; etc.

A professora começará por perguntar ás crianças se conhecem todas essas ruas, se passam sempre por ellas — enfim, fazer com que ellas contem alguma coisa que observaram nesta ou naquella rua. Assim, na Avenida Affonso Penna, a existencia do canal, casas de commercio, etc. Na Praça da Liberdade, o Palácio, Secretarias, jardins, etc.

Chamar, depois, a attenção da criança para o nome das ruas. Assim, vimos, num dos papeis abertos por acaso que estava escripto: «Mario — Rua Tupynambás, 520». A professora dirá: «Mario mora na rua Tupynambás; você já ouviu falar alguma vez esse nome? Eu vou, se quiserem, contar-lhes porque é que esta rua tem tal nome. (Mostrar gravuras de indios, falar em usos e costumes indigenas, como viviam as crianças indigenas, etc). Não passar a outra coisa senão depois de bem satisfeita a curiosidade infantil.

Outro papel será tirado: «Alberto — Rua S. Paulo, 342». Quem quer saber, dirá a professora, porque é que a rua onde o Alberto mora se chama S. Paulo? As respostas animadas das crianças, a professora mostrará no mappa o Estado de S. Paulo, mostrará vistas de S. Paulo, de grupos escolares, de crianças paulistas, de fazendas, etc. Contar-lhes-á, sómente, o que S. Paulo tiver de mais interessante, sem descer a minucias, apenas para mostrar ás crianças que o nome da rua não foi colhido ao acaso, sem nenhuma significação.

No outro papel: «Carlos — Avenida Affonso Penna». A professora deverá aproveitar a oportunidade e falar algo sobre o historico da Capital, sobre a antiga Capital, os inconvenientes, etc. (Mostrar gravuras de Ouro Preto.)

Satisfazer sempre ás perguntas curiosas das crianças, dando-lhes, o mais possível, oportunidade de se expandirem. Para exercício escripto, mandar que os alumnos descrevam os passeios que mais gostam de fazer — um gosta de «foot-ball», pois descreva uma partida desse jogo; enfim,

fazer com que cada alumno descreva o que bem quizer, o que mais o impressiona, o que lhe dá mais prazer, pronunciando a cada alumno o ensejo de crear, de pôr no exercício um pouco de sua alma, do seu proprio eu.

Para a leitura, as crianças poderão ler as principaes noticias dos jornaes da Capital, relativas á vida da cidade, (deixar que cada alumno leia o que lhe interessar). Deve a professora cultivar o gosto pela leitura de jornaes, entre seus alumnos, o que, com habilidade, facilmente conseguirá.

Poderá tambem collocar na sala um «quadro de avisos», onde deverão ser fixados avisos interessantes e relativos á lição do dia. Poderá tambem, ser fundada uma revista. Tudo que se relacione com Bello Horizonte, seja sobre o ponto de vista social, seja sobre o clima, commercio, industria, seja, enfim, alguma investigação sobre o «porque» do nome dessa ou daquella rua, deverá ser colleccionado pelas crianças, para ser aproveitado na revista.

Os exercícos feitos pelas proprias crianças a esse respeito deverão tambem ser incluídos. A revista será das crianças e para as crianças e terá o nome que escolherem.

A professora deverá guial-as e remover as difficuldades que ellas encontrarem, orientando-as de tal forma que ellas se sintam senhoras de si, capazes de agir, de ter iniciativa.

A medida que as crianças forem progredindo no estudo, deverão ir fazendo, sob a direcção da professora, a planta da cidade de Bello Horizonte. Será, a principio, trabalho colectivo, depois cada alumno poderá apresentar a sua.

Para o ensino de arithmetica, a profes ora poderá agir do seguinte modo: Perguntará aos alumnos se já observaram a numeração das casas e qual a utilidade que acham na numeração, dar-lhes problemas dessa natureza, por exemplo: — Baul, você mora na rua Pernambuco, n.º 950 e José na mesma rua, n.º 400, não é? Pois bem, você já sabe como é feita a numeração, portanto irá dizer-me quantos metros ha entre a sua casa e a delle. Se a criança perturbar-se, por não saber o systema metrico, aproveitar a oportunidade e dar essa explicação.

Os conhecimentos serão melhor apprehendidos quando a criança sentir delles necessidade.

Para o estudo das sciencias naturaes, falar sobre as arvores que ornamentam a Capital, crear situações em que os alumnos sintam necessidade da arvore e de seus beneficios.

Fundar um club infantil de sciencias naturaes. Cada alumno, socio do club, terá que estudar principalmente o specimen que existe na rua onde mora. Fazer excursões ao Parque, á Praça da Liberdade, etc.

Assim, correlacionando intelligentemente todas as materias em torno de um mesmo ponto, teremos um estudo completo, variado e interessante.

A criança aprenderá Bello Horizonte physica, intellectual e moralmente.

Aprenderá a pensar, a agir, a ter iniciativa. Aprenderá que o nome de cada rua evoca um quadro historico, uma cidade mineira, um Estado do Brasil, o nome de um patriota

A criança aprenderá a estabelecer comparação, a analisar, a sentir realmente o que estuda. Terá de Bello Horizonte os mais amplos conhecimentos, terá mais do que isso—terá a sua attenção toda voltada para o objecto do seu estudo, para Bello Horizonte, acompanhando, ansiosa, o seu progresso.

NAIR STARLING

Daqui e dali

As vantagens da educação Physica no desenvolvimento moral das crianças

O velho aphorismo latino, — "Mens sana in corpore sano" — cada vez se realiza mais, como uma lição do passado, sempre viva no presente.

Realmente, se passarmos em revista a historia dos povos mais antigos, em todos elles encontraremos, mais ou menos desenvolvido, o sentimento da cultura physica.

No Egypto, no dominio dos Pharaós, teve elle a sua origem, por meio da gymnastica, integrando a civilização.

Do mesmo modo a velha civilização chinesa imprescindia dos exercicios corporaes: mas foi o povo grego que delles cuidou com zelo, com verdadeiro carinho, pois não concebia a existencia de uma alma nobre e serena, de um espirito são, em um corpo enfermo.

Consistia a preocupação dos educacionistas hellenicos, no perfeito equilibrio das forças espirituales e physicas, no desenvolvimento de todas as faculdades e impulsos naturaes.

Não admittiam a separação da arte, da musica e da gymnastica, afim de preparar uma juventude sadia de corpo e de espirito.

Era esta a base da prosperidade dos Estados. Encarava-se com tanto rigor a conservação da especie forte, sã e bella, que se chegava ao ponto de sacrificar os deformados e outros que, por origem ou por accidente, pudessem prejudicar a belleza, a saude e a resistencia physica e moral.

Tambem em Roma, sabe-se que mereceu cuidados a educação physica, mas com fins utilitarios, pois queriam os romanos o athletismo, afim de dar o maximo de resistencia ao seu exercito.

O marechal Saxe, teve a seguinte phrase: *As batalhas são ganhas pelas pernas*.

Os hellenos tinham o culto da educação physica, mas com fins artisticos e espirituales; queriam a belleza da forma, alliada á serenidade do espirito. Em toda a Grecia, entendia-se que essa educação não devia correr á revelia, ao sabor das familias, mas pertencia ao Estado, que a mantinha e regulava.

Não se admittia, em toda a Grecia, a existencia de uma cidade sem gymnasios publicos, abundantes em vegetações e áreas cheias de sol, que ordinariamente se levantavam extra-muros.

Só alli se podia adquirir essa presença, desembaraçada e firme, que ao primeiro relance de olhos fazia distinguir dos creados, no trafico ou na officina, o homem

de educação distincta e assignava a aquellos capazes de participarem da direcção dos negocios publicos.

Foi, como se vê, entre o povo grego especialmente, que a cultura physica adquiriu, no mundo antigo, o seu mais elevado esplendor, reflectindo-se, ao lado da forma plastica mais pura, nas manifestações equilibradas e harmonicas do espirito.

Não foram, assim, os jogos olympicos a criação de um povo que se avassalára ao dominio da força bruta.

Acima dos exercicios corporaes collocava esse povo, tão cioso da belleza e da arte, a concepção mais elevada do pensamento.

Não ha na historia nenhum outro que lhe leve vantagem na cultura racional da educação physica, tendo em mira fins tão elevadamente espirituaes.

Depois da idade média, a escola prescindiu absolutamente do corpo, menosprezando as leis factaes do desenvolvimento physiologico da creança, e em vez de contribuir, por meio de cuidados intelligentes, para a evolução natural da vida organica durante a primeira idade do homem, não actuava sobre elle senão como uma das influencias mais perniciosas, um dos mais activos agentes de depauperação da especie.

Cuidava-se de espiritualizar a educação, desconhecendo-se, afinal, o papel primario deste elemento na educação moral e intellectual. Peccava-se, pois, pela base, ao se desconhecer nos sentidos o instrumento da educação humana.

O verdadeiro *leader* da psychologia infantil, Froebel, moldou profundamente o seu systema educativo pela verdade capital, hoje, em pedagogia, de que o desenvolvimento espirital e o physico

não andam separados da infancia — antes se entrelaçam; de que, no começo da vida, não ha desenvolvimento perceptivel, a não ser pelos orgãos do corpo, os quaes constituem instrumentos primordiais do espirito; de que a primeira expansão da alma se effectua, par a par, com a dos orgãos e por meio delles; de que pelo exercicio dos sentidos é que a primeira educação ha de actuar sobre o espirito nascente, etc.

Seria erro physiologico considerar o cerebro um companheiro egoista do musculo, procurando satisfazer-se com detrimento deste.

A lei da unidade biologica do ser humano seria contrariada.

Nem se pôde separar nessa unidade o aperfeçoamento physico da personalidade espirital, pois só se consegue augmentar uma força physica, interessando a totalidade de todas as funções. A primeira necessidade, na infancia do individuo, é praticar a plena satisfação da vida physica.

A par das funções constructivas, o appetite do movimento, a invencivel tendencia da actividade corporea dominam o homem nesse periodo da vida. Não será preciso porém, buscar no passado uma lição que justifique o culto da educação physica.

O nosso seculo, mais do que nenhum outro, tem reconhecido experimentalmente a influencia decisiva da educação physica na formação espirital.

De tal forma capacitada, veio a civilização scientifica de nossos tempos sancionar, com todo o peso das leis biologicas, profundamente estudadas neste seculo, esta verdade elementar em materia de educação, que o instincto physiologico e o genio da arte revelaram por intuição á antiga Hellade: a inseparabilidade do es-

pirito e do corpo na formação da intelligencia e da alma.

Ruy Barbosa, clamando contra a negligencia dos methodos de sua época e fazendo justiça á sua debilidad physica, disse: "Ha, não se nega, intelligencias superiores alliadas a corpos debeis, a organismos franzinos, amemicos e nevropathicos".

Quanto não custa, porém, a esses desventurados a applicação laboriosa da intelligencia ás altas produções mentaes?

Quantas vezes a exaltação cerebral, a que os condemna a insufficiencia de sua nutrição geral, não é descontada por largos intervallos de desfalecimentos, por atroz enfermidade nervosa, que lhes inflige o supplicio de interromper amiudadamente os trabalhos mais caros á sua alma e submeter-se ás mais terriveis alternativas, a horas, dias, mezes, annos, de forçada e dolorosa inercia?

A quantos outros o abuso da cebração continuada, que a fraqueza de sua constituição physica lhes vedava, vem cortar em meio o fio da existencia, arrancando-lhes das mãos a obra que acariciavam com ternura e esperança, como fructo sasonado de uma vida de pena, sacrificios e luctas?

O grande sabio brasileiro, reconhecendo a necessidade da cultura physica, por outros e por si proprio, sentia a sua falta.

Hoje, felizmente, quasi que em toda a parte, vem a educação physica recebendo as attentões e cuidados da ciencia, e a ella se tem reservado uma boa parte de nossos programmas de ensino.

E realmente nem de outro modo poderia ser, agora que, em face das experiencias biologicas, passou ao rôl das coisas idas es-

sa tão decantada independencia do nosso mundo moral com relação ao nosso systema physiologico.

Bem avisado anda, pois, o governo em conceder á educação physica o logar que em todo o mundo lhe é reservado.

Mais de que em nenhuma outra época, ella merece, na actualidade, todos os desvelos, como uma disciplina de que dependem necessariamente todas as outras. Não foi, pois, em vão que ao iniciarmos a presente palestra, invocamos o velho aphorismo latino: "Mens sana in corpore sano".

Agora mais do que nunca tem a sua actualidade.

Agora mais do que nunca precisa a humanidade da saude physica, como condição essencial da saude espirital. No nosso seculo, vale o homem pelo seu valor pessoal.

Acabaram-se de uma vez para sempre as influencias sociaes pelo valor dos antepassados. Torna-se, por isso, necessario fortalecer no homem essa confiança em si proprio, afim de armar-o para a vida. E só pela educação physica poderá conseguilo. A mulher, em tempos idos, foi tutelada do homem, e é hoje sua concorrente, mas precisa de desenvolver ainda o seu valor pessoal, afim de não naufragar na lucta. E, assim, ambos fortes e por conseguinte mutuamente se respeitand, a mulher e o homem formamão no presente as bases da sociedade vindoura, tal como deve ser, forte no physico e serena no espirito, realizando o consorcio admiravel da arte e da moral.

VICTORIA CARNEIRO DE MENDONÇA

(Conferencia realizada na Escola Normal de Paracatá, pelz professora do estabelecimento).

Psychologia

Um projecto que se realiza

Cada um tem seu "dada". Tenho tambem o meu. Por isso aproveito a nossa nova publicação para falar disto a que dou tanto valor.

Adivinhaes, sem duvida, minhas caras collegas e amigas da Escola de Aperfeiçoamento, que se trata do *Museu da Creação*, sobre o qual nos enretivemos já e que começou a funcionar. Seu inicio é certamente muito modesto, mas não são muitas vezes os inicios modestos que acabam por chegar a grandes desenvolvimentos? *Museu da criação, sua utilidade e suas funcções*

Viajando por diferentes paizes da Europa e admirando os celebres museus de arte e de historia, de sciencias e de industria, tão instructivos e cheios de suggestões, ou procurando em vão o museu onde se deparasse um conjunto bastante completo e synoptico, no dominio que me interessa particularmente: a *creação*.

Não falando de alguns laboratorios de psychologia pedagogica que têm á sua disposição alguns quadros de parede com resumos das pesquisas pedagogicas, não falando de algumas collecções de desenho infantil ou de brinquedos, encontradas aqui e ali, muitas vezes em casas de particulares, em parte nenhuma encontrei um verdadeiro museu consagrado á infancia. Entretanto, este *pedologium* devia interessar muitas pessoas, sem falar dos paes e da legião dos educadores e mestres.

Não foi o seculo XX baptisado com a expressão alada de seculo da criação? Se este epitheto persiste e se não foi substituído pelo de seculo do avião, do radio, do foot-ball, temos então direito de

esperar que se consagre á infancia mais interesse, mais tempo e meios para seu estudo.

A criação do *Museu da Creação* seria precisamente uma das provas reaes da attenção que elle merece.

Como ha de ser este *Museu*? Quando dou livre curso á minha imaginação, vejo um bello e vasto palacio, com uma multidão de compartimentos, grandes e pequenas, salas de trabalho, bibliothecas, salas de conferencias e bellas salas de exposição. Neste *Museu* trabalham lado a lado pedagogos, psychologos, medicos, juristas...

Este *Museu* deverá orientar sua actividade em tres direcções:

Pesquisas, documentação, pedagogia.

Como imagino, elle será antes de tudo, e sobre tudo no começo, o activo centro de procuras pedagogicas.

Não é segredo para pessoa alguma que a *pedologia* longe está de ser uma sciencia já assentada. Seus documentos são ainda insufficientes, fragmentarios; muitas vezes os resultados são contradictorios. E' preciso então multiplicar pesquisas e verificar dados. Por outro lado, se este ou aquelle paiz possui já normas de desenvolvimento physico e mental de suas creações, de um modo geral estas normas são aproveitaveis somente nos paizes que as elaboraram.

E' indispensavel, entretanto, conhecer o trabalho pedologico feito alhures. Não se ha de ignorar, por exemplo, o enorme esforço fornecido pelos Estados Unidos, Alemanha, Suissa, Russia, etc. O *Museu* terá tambem por obrigação documentar-se em bibliographia, pondo-se em contacto directo com instituições taes como o Instituto J. J. Rousseau, de Genebra, o Teachers-College de Nova

York, o Instituto Psychologico de Vienna, etc.

Possuindo os resultados de suas proprias investigações, ou informado do trabalho de outrem, poderá o *Museu*, por sua vez, documentar seu paiz, seu corpo docente, suas escolas normaes, já por meio de conferencias, já por exposições permanentes ou episodicas, consagradas a uma ou outra questão em particular. Ellas deverão corresponder ás necessidades de uma parte do publico, mas terão tambem nor fim despertar interesse, mostrar a importancia de se conhecer a criação, de lutar contra a ignorancia neste assumpto.

Vejamos agora quaes aspectos da pedagogia poderão ser utilizados pelo *Museu* nas suas tres actividades:

Se ha hoje alguns que julgam ser a psychologia um luxo, e que o conhecimento da alma da criação deve ser duramente intuitivo, ninguém negará a importancia de se conhecer a fundo o physico da criação. O *Museu* poderá, pois, emprender uma pesquisa anthropometrica mostrando o desenvolvimento physico com seus estadios, com seus momentos criticos; procurará descobrir os sinais alarmantes de fraqueza a que seja preciso levar socorros; confrontará suas normas com as normas de outros paizes e terá assim uma imagem comparativa e util.

Uma sala de exposição poderá ser, pois, dedicada especialmente á vulgarização dos resultados. Nella se verá claramente o que fór normal e o que o não fór. Ter-se-á um apanhado especial sobre a criação doente: doencas infantis, perturbações nervosas, enurese, desarranjos de linguagem, mortalidade infantil e suas causas, etc.

Poder-se-á organizar igualmente uma sala reservada á puercultura: alimentação do bebé, cuidados a lhe ministrár, hygiene dos primeiros mezes, vestuario, etc.; conhecimentos tão uteis ás jovens mães que, muitas vezes, por ignorancia, commettem erros fataes!

A psychologia applicada mostrou já sua utilidade; os conhecimentos psychologicos são muitas vezes um auxilio decisivo na elaboração de tal programma, de tal methodo escolar. O *Museu* tomará grande parte nos trabalhos psychologicos e estudará a natureza da criação em seus differentes aspectos da vida mental: intelligencia, linguagem, attenção e memoria, trabalho mental, interesses, senso moral e social — são outros tantos assumptos cheios de suggestões e que nenhum pedagogo deveria ignorar.

A collecções de desenhos infantis authenticos, brinquedos fabricados por elles proprios, creações literarias — formarão cantos encantadores do *Museu* nos quaes, ao lado da instrução, se acham facilmente verdadeiras joias de arte, de espirito, de talento...

Equamente serão estudados os livros de leitura para a infancia, os que mais agradarem ás creações, e o porque. Serão feitas referencias sobre novos livros estrangeiros, serão suggeridas traduções.

O *Museu* terá influencia sobre a escola. Analyzar os differentes methodos de ensino, mostrar o character das differentes instituições pedagogicas, analysar os programas escolares, os horarios, mostrar, ainda que por meio de photographias e de planos, varios typos de construcções escolares, mobiliario, expôr os manuaes de leitura, de historia, fazer prevalecer os melhores e mostrar os defeitos dos maos — são outras tantas obrigações uteis e atraentes, que

não permitirão equívoco, nem sobre uma carteira anti-higiênica, nem sobre a impressão de um primeiro livro de leitura arrancação os olhos do joven escolar.

Se, como dissemos, entre os colaboradores de Museu se acharem juristas, haverá bom proveito no estudo das leis dos diferentes países, referentes à infancia; as leis do trabalho, a tutela, os delictos committidos pelos menores, as reformatórias, etc., etc.

Longe de ter tratado de todos os aspectos referentes à vida da creança, não fizemos mais do que indicar os mais imponentes, de aquelles que merecem attenção em primeiro logar, e que devem ser estudados a fundo por todos os que se dedicam à infancia.

Nenhum engenheiro ou medico pode obter seu diploma ou ser admitido ao trabalho sem comprovar solida competencia em seu campo. Porque não ser assim o pedagogo? Seria sem valor seu trabalho, ou sem importancia seu campo.

Expuzemos aqui nosso projecto, que muito modestamente já começou a se realizar. Não temos palácios, nem muitos meios materiaes à nossa disposição, mas em compensação temos um bom punhado de collaboradores — todos membros activos do nosso Museu — as professoras-alumnas da Escola de Aperfeiçoamento. Si bem que a inauguração tenha sido feita pouco antes do fim do anno escolar, e que nossas collaboradoras estejam bastante sobrecarregadas com o trabalho que a Escola lhes impõe, muitas dentre ellas têm manifestado grande devotamento pela obra do Museu e lhe têm dado, por assim dizer, todo o tempo livre. Deixamos-lhes aqui nossa gratidão profunda.

Graças à sua collaboração, alguns trabalhos foram feitos durante estas ultimas semanas.

Eis as nossas primeiras pesquisas:

1. Indagações sobre os interesses e ideias das creanças brasileiras. Actualmente, mais de 600 creanças de 4.º anno de grupos escolares foram consultadas por meio de um questionario escrito.

As respostas impressionam por sua sinceridade e são tão pittorescas como eloquentes e instructivas.

Esperamos dar o resultado dessa indagação no proximo numero deste jornal.

2. Estalonagem de um teste colectivo de intelligencia global para as edades inferiores. Trata-se de uma adaptação de um teste americano de Dearborn, que já applicamos em Genebra e que nos tem dado resultado efficazes para o diagnostico das creanças fracas e fortes. 1.400 meninos e meninas foram examinados.

A technica do teste e as normas para apreciação poderão ser dados, em breve, às pessoas interessadas.

3. Estalonagem de testes de calculo e escripta. Essa pesquisa tem sido emprehendida com muitos fins: o de obter as normas para apreciar a technica no calculo simples ou a rapidez e a qualidade da escripta. São normas sempre interessantes, porque as corporações permittem distinguir os métodos de ensino bons e os máos.

Demais, essas pesquisas, sendo emprehendidas pela manhã e pela tarde, quizemos ver se, todas as coisas sendo eguaes, as horas da manhã são comparaveis às da tarde. Temos tambem para comparar os resultados dos meninos e das meninas e ver se o desenvolvimento corre paralelamente.

4. Estamos estudando actualmente a evolução do desenho in-

fantil, recolhendo material dos alumnos e classificando, de accordo com o methodo americano de Florence Goodenough, o desenvolvimento mental das creanças. É um methodo simples, universal, não exigindo nenhum material especial e permitindo uma apreciação bastante acertada.

5. Estamos medindo a capacidade vital (espirometria) e a força muscular (dynamometrica) dos escolares de Bello Horizonte. Essas duas medidas podem dar uma informação util sobre a ro-lustez das creanças da Capital.

6. Começamos a colleccionar brinquedos, accetando com gratidão todo brinquedo feito pelas proprias creanças, ou brinquedos fabricados no commercio, acompanhados de ligeira noticia sobre a creança que com elle brincou, com que idade, e com que interesse, com que applicação pessoal.

Recebemos com grande interesse, para a exposição retrospectiva da infancia, uma magnífica... palmatoria, offerecida pelo dr. Mario Casasanta. Este instrumento de tortura dos tempos passados traz no seu intimo traços de lagrimas dos pequenos martyres da antiga pedagogia. Felizmente a nova aqui está.

Todos aquelles que encontrarem algum ponto de interesse neste artigo, terão no numero proximo communiicações sobre as actividades do Museu e os resultados de nossas pesquisas.

ELÉNE ANTIPOFF

Professora no Instituto J. J. Rousseau de Genebra e na Escola de Aperfeiçoamento de Bello Horizonte.

(Do 1.º numero da "Voz da Escola", organ da Escola de Aperfeiçoamento, de 8-XII-929).

LIÇÃO DE HYGIENE

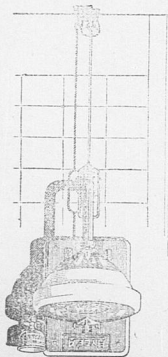


A é mais que uma escarradeira; é um aparelho hygienico, esthetico, assente á educação social, creado para substituir as escarradeiras nojentas que mais serviam para provocar o habito de cuspir.

Ligada á rede de esgoto, a sua limpeza é automatica sem intervenção manual

Pedidos á ISMAEL LIBANIO

Rua da Bahia, 924 — Bello Horizonte



Origem: Doação

Preço: _____

REVISTA DO ENSINO

ASSIGNATURAS

ANNO	125000
SEMESTRE	65000

NUMERO AVULSO, 1\$000

A' venda nas Livrarias Francisco Alves e Moraes

Os pedidos devem ser enviados á "Revista do Ensino", Secretaria
do Interior, Bello Horizonte

AO PROFESSORADO MINEIRO

Senhores professores

Ao assumir a direção da REVISTA DO ENSINO, com o propósito de corresponder ao desejo do nosso ilustre chefe, dr. Noraldino Lima—que é tornar a REVISTA cada vez mais eficiente e mais em condições de preencher os fins a que se destina—venho solicitar o concurso de vossa inteligência e de vossa experiência de educadores, certo de que tal colaboração será elemento de brilho e realce para a nossa publicação.

Que cada um de vós mande noticia do que tem feito, do que está fazendo, do que pretende fazer no setor entregue à sua guarda; mostre o resultado das experimentações no campo de suas atividades; traga até nós seus pensamentos e ações, e que uns e outros venham aparecer na REVISTA como exemplo e estímulo aos que lutam a boa luta contra o analfabetismo e em prol da modernização da escola mineira.

Colaborar na REVISTA DO ENSINO é colaborar na formação e no aperfeiçoamento do nosso aparelho de educação. E o de que precisamos, para a realização integral do programa com que a REVISTA inicia a nova era de sua vida, é, principalmente, e antes de tudo, o produto da experiência de nossos mestres, no resultado prático de suas tentativas em contato direto com a matéria prima, que é a criança.

Mandai, meus caros colegas, a vossa colaboração á REVISTA, —que é feita para nós e por nós deve ser feita,—e, assim, terá ela o cunho essencialmente prático, que a deve caracterizar, na sua função de órgão técnico de orientação e propagação das melhores possibilidades pedagógicas em Minas-Gerais.

J. Baptista Santiago

Diretor da REVISTA DO ENSINO

Belo-Horizonte — março — 1934.